



UFRJ
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

OS NOMINAIS EM PAUMARÍ (FAMÍLIA ARAWÁ):
Uma abordagem construcionista de Gramática Gerativa

Guilherme Augusto Duarte Borges

Rio de Janeiro

2024

GUILHERME AUGUSTO DUARTE BORGES

**OS NOMINAIS EM PAUMARÍ (FAMÍLIA ARAWÁ):
Uma abordagem construcionista de Gramática Gerativa**

Monografia submetida à Faculdade de Letras da
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como
requisito parcial para obtenção do título de
Licenciado em Letras: Português-Literaturas.

Orientadora: Profa. Dra. Isabella Lopes Pederneira

Rio de Janeiro

2024

FOLHA DE AVALIAÇÃO

Guilherme Augusto Duarte Borges

DRE: 122092561

NOMINAIS EM PAUMARÍ (FAMÍLIA ARAWÁ): UMA ABORDAGEM CONSTRUCIONISTA DE GRAMÁTICA GERATIVA

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras: Português-Literaturas.

Data da aprovação:

Banca Examinadora:

Isabella Lopes Pederneira – Presidente da banca examinadora
Faculdade de Letras - UFRJ

Thiago Nascimento de Melo
Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

CIP - Catalogação na Publicação

D956n Duarte Borges, Guilherme Augusto
NOMINAIS EM PAUMARÍ (FAMÍLIA ARAWÁ): UMA
ABORDAGEM CONSTRUCIONISTA DE GRAMÁTICA GERATIVA /
Guilherme Augusto Duarte Borges. -- Rio de Janeiro,
2024.
68 f.

Orientadora: Isabella Lopes Pederneira.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
de Letras, Licenciado em Letras: Português -
Literaturas, 2024.

1. Nominalização. 2. Estrutura de Eventos. 3.
Línguas Indígenas. 4. Morfologia Distribuída. 5.
Gramática Gerativa. I. Pederneira, Isabella Lopes,
orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que tem me iluminado na minha caminhada e me proporcionado tudo.

A minha família, meu papai Marcelo e mamãe Aparecida, por tudo que me proporcionaram; todo apoio e incentivo e companheirismo. Só estou aqui por causa de vocês. Aos meus irmãos João, Pedro, Ilana, Daniel e minha irmã de coração Olya. A minha vovó Gina e ao meu avô de consideração, Seu Francisco, por todos os momentos de risos e de boas conversas. Também aos meus primos, tios e tias, e minha avó Alice, pelos bons momentos em Natais e férias em Ibicuí.

Por toda alegria que meus companheiros *pet* trazem na minha vida: Pipoca, Diminha e Foguinho, além do Paulie e Calopi.

A todos os meus amigos próximos, Gabriel, Rodrigo, Lucas, Zé, Rennan e Matheus cujos momentos de diversão ajudaram a aliviar os momentos de preocupação dos estudos.

A todos meus professores, que de alguma maneira contribuíram para meu enriquecimento acadêmico, dentre eles, Alessandro Boechat, André Vieira, Aniela Improta França, Ana Calindro, Ana Paula Quadros, Marcus Mais, Gean Damulakis, e em especial Marcia Maria Damaso Vieira, que me ensinou tudo o que sei de paumarí e deixou conhecimentos valiosos de linguística.

Ao meu colega de pesquisa e leitor crítico Thiago Mello, agradeço por ter aceitado esta tarefa de ler minha monografia. Suas sugestões vão enriquecer demais o trabalho. A todos os meus colegas de curso e de estudos do Labsin, sem vocês meu desenvolvimento não seria possível.

Aos meu amigo Josué e Joel do povo paumarí, além de Oiara Bonilla. Todos os auxílios com a língua foram essenciais.

A minha orientadora, Isabella Lopes Pederneira, por todas as dicas, sugestões e incentivos, mas principalmente, por saber lidar bem com minhas entregas de trabalhos em cima da hora. Sem isso, estaria perdido!

E por último, mas não menos importante, a minha noiva Gisele, por todo carinho e paciência em todas as horas e momentos. Se não fosse por sua presença, amor, alegria e piadinhas não conseguiria fazer os trabalhos da mesma maneira; por sempre me ajudar e apoiar em meus projetos e trabalhos. Te amo, te amo, te amo!

“Se você falar com um homem em uma língua que ele compreende, isso entra na cabeça dele. Se você falar com ele em sua própria língua, você atinge seu coração.”

Nelson Mandela

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo analisar o fenômeno dos nominais na língua indígena paumarí (família Arawá), falada pelo povo indígena que vive ao longo dos rios Purus e Juruá, no sul do Amazonas. A ferramenta teórica utilizada baseia-se em trabalhos de cunho Construcionista de Gramática Gerativa, como a Morfologia Distribuída (Marantz, 1997) e o Modelo Exosquelético (Borer, 2003). A proposta baseia-se tanto nestas abordagens teóricas como em outros trabalhos de cunho gerativista no que tange à investigação do fenômeno das nominalizações deverbais, sobretudo trabalhos como Grimshaw (1990), Alexiadou (2001) e Sleeman e Brito (2010). A hipótese defendida é a de que o paumarí apresenta, além de Nominais Simples - de Entidade - Nominais Complexos (deverbais) e com complexidade estrutural interna denotando interpretação de Evento. Com relação à metodologia, foram utilizadas fontes secundárias para a coleta de dados, provenientes de trabalhos descritivos disponíveis da língua como Chapman e Derbyshire (1991), Chapman (1978), Salzer e Chapman (1997). Após analisar nomes sem marcação sufixal simples, foi proposto que estes seriam de Entidade; para os nominais com marcação *-hi*, *-i* e \emptyset concluiu-se que todos são complexos e denotam eventualidades, sendo Nominais de Evento. Os nominais com sufixo *-ni* foram reinterpretados para sufixo \emptyset , sendo *ni* parte de uma composição verbal.

Palavras-chave: Nominalização; Estrutura de Eventos; Línguas Indígenas; Morfologia Distribuída; Gramática Gerativa.

ABSTRACT

The aim of this study was to analyze the phenomenon of nominals in the Paumarí indigenous language (Arawá family) from people who live along the Purus and Juruá rivers in southern Amazonas. The theoretical framework used are based on Constructionist approaches to Generative Grammar, such as Distributed Morphology (Marantz, 1997) and the Exoskeletal Model (Borer, 2003). The proposal is based on these theoretical approaches and on other papers of a generative grammar with regard to investigating the phenomenon of deverbal nominalizations, especially works such as Grimshaw (1990), Alexiadou (2001) and Sleeman e Brito (2010). The hypothesis defended is that paumarí presents, in addition to Simple Nominals - Entity -, Complex Nominals (deverbal) and with internal structural complexity denoting an Event interpretation. With regard to methodology, the data was collected in secondary sources, from descriptive papers such as Chapman e Derbyshire (1991), Chapman (1978), Salzer e Chapman (1997). After analyzing simple nouns with no suffix marking, it was proposed that they were Entity Nouns; for the nominals with *-hi* , *-i* and *-∅* marking, it was concluded that they are all complex and denote eventualities, being Event Nominals. The nominals with the suffix *-ni* were reinterpreted to have the suffix *-∅*, and *ni* a part of a verbal composition.

Keywords: Nominalization; Event Structure; Indigenous Languages; Distributed Morphology; Generative Grammar.

ABREVIATURAS

(#) PI - (Número-pessoa) Plural
(#)Sg - (Número-pessoa) Singular
Abs - Caso absoluto
Acc - Caso Acusativo
Ag - agentivizador
Anaf – pronome anafórico
Apl – Aplicativo
Asp – Aspecto
Asp.Itera – Aspecto Iterativo
Aux - Verbo auxiliar
Causa - Causativizador
CVL - Construção de verbo leve
Dem – demonstrativo (genérico, sem explicitar gênero)
Dem.f/m – demonstrativo feminino/masculino
Erg - Caso Ergativo
Gen - Genitivo
Imperf - imperctivo
Intrans – Intransitivizador
Leve – verbo leve
MD – Morfologia Distribuída
Mod - Sufixo de modo
n – categorizador nominal (enezinho)
Neg – Negação
NFut – Não-futuro
Nom - Caso Nominativo
Nomlz - sufixo nominalizador
Obl - Caso Oblíquo
PB – Português Brasileiro
PE – Português Europeu
Perf – perfectivo
Trans - sufixo transitivizador
v – categorizador verbal (vezinho)

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	15
2.1. Nominalizações e o Lexicalismo	15
2.2. As nominalizações para Grimshaw (1990).....	16
2.3. O Construcionismo (ou Não Lexicalismo)	18
2.4. A formação categorial em Arad (2003).....	21
2.5. Nominalizações sob uma perspectiva Construcionista.....	23
3. GRAMÁTICA PAUMARÍ	28
3.1. Ordem oracional e sistemas de Caso	28
3.2. O DP em paumarí.....	30
3.2.1. As propriedades dos nomes	30
3.2.2. Os determinantes	31
3.3. O VP em paumarí	32
3.3.1. Os aplicativos	33
3.3.2. Os Causativos	35
3.3.3. Os Verbos leves	37
3.3.4. Os Sufixos Modais.....	38
4. A ESTRUTURA DOS NOMINAIS EM PAUMARÍ	40
4.1. Preâmbulo	40
4.2. Os nominais simples.....	43
4.3. O Nominais com sufixo <i>-hi</i> em CVLs- <i>hi</i>	44
4.4. Nominais Complexos com sufixo <i>-hi</i> e prefixo genitivo.....	49
4.5. Nomes complexos com sufixo <i>-i</i> e <i>-Ø</i>	51
4.6. Os Nominais com sufixo <i>-ni</i>	54
4.7. O Nominais com sufixo <i>-Ø</i> em CVLs- <i>ni</i>	57
4.8. Diferenças entre nominais de CVL- <i>hi</i> e CVL- <i>ni</i>	61
5. CONCLUSÃO	63
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	65

1. INTRODUÇÃO

A presente monografia é um trabalho de cunho teórico cujo objetivo central é o de analisar algumas ocorrências nominais na língua indígena paumarí (família Arawá) à luz de modelos Construcionistas de Gramática Gerativa. A hipótese defendida é de que o paumarí apresenta, além de Nominiais Simples - de Entidade -, Nominiais Complexos e com complexidade estrutural interna denotando interpretação de Evento. Com relação à metodologia realizou-se a coleta de dados nos principais trabalhos descritivos disponíveis da língua como Chapman e Derbyshire (1991), Chapman (1978), Salzer e Chapman (1997) – doravante *Pesquisadores do SIL*. Portanto, essa monografia foi realizada por meio de dados de fontes secundárias. Para a glosa adotada nos diversos exemplos demonstrados na presente monografia, realizaram-se diversas adaptações e notações distintas das apresentadas nos documentos originais. Estas mudanças foram devidas à nova interpretação dos dados sob a luz das teorias adotadas, além de atualizações referentes a outros trabalhos mais recentes de cunho gerativista realizados com a língua paumarí e citados em momento oportuno. Nos trechos em que houve necessidade de maiores detalhamentos, foram realizadas explicações em notas de rodapé.

A língua indígena paumarí (família Arawá) é uma língua brasileira que corre sério risco de extinção. O povo, autodenominado *Pamoari*, corresponde a pouco menos de 2 mil pessoas, e vive ao longo dos rios Purus e Juruá, sendo de maioria bilíngue, em paumarí e português, segundo informações do Instituto Socioambiental (ISA)¹. Alguns trabalhos de cunho descritivo e etnográfico foram realizados e documentados por missionários do *Summer Institute of Linguistics* (SIL) entre os anos de 1970 e 2000. Tipologicamente, é uma língua classificada tendo um sistema de Caso Ergativo cindido, coexistindo tanto o sistema ergativo-absolutivo, quanto o sistema nominativo-acusativo. É uma língua aglutinante, por conta de uma rica produtividade morfológica, especificamente pela concatenação de diversos núcleos funcionais no verbo da oração. Um detalhamento maior acerca dos aspectos gramaticais da língua paumarí serão tratados na seção 3.

Com relação à análise, adotaram-se os pressupostos de modelos Construcionistas de Gramática Gerativa, principalmente a Morfologia Distribuída

¹ Mais informações em : pib.socioambiental.org/pt/Povo:Paumari

(Halle e Marantz, 1993; Marantz, 1997, 2001, 2007), porém em alguns momentos adoto elementos semelhantes ao Modelo Exosquelal (Borer, 2003, 2005, 2013). Tais modelos opõem-se aos modelos lexicalistas (também chamados de projecionistas ou lexicalistas), estabelecidos em Chomsky (1970, 1981, 1995) e outros trabalhos como Aronoff (1976) e Jackendoff (1975, 1992), por estabelecer uma diferente arquitetura de gramática, com especial destaque ao papel e influência que o repositório lexical exerce na Computação Sintática. Para os modelos Construcionistas de Gramática Gerativa, o léxico não apresenta uma função central na formação da estrutura interna de palavras, não sendo, portanto, um componente gerativo da Gramática, diferentemente dos modelos anteriores.

Apesar de apresentarem propostas parecidas entre os modelos, Morfologia Distribuída (MD) e Modelo Exosquelal (XS), ambos têm diferenças bastante específicas. Para destacar apenas uma, têm-se na MD a necessidade de categorização das raízes na sintaxe por meio da concatenação de um morfema categorizador² à raiz, princípio denominado de Assunção de Categorização³. Para a XS, por sua vez, os elementos lexicais são denominados de *Listemas* e necessitam apenas serem inseridos em um ambiente sintático de determinada categoria, pré-estabelecido por meio de uma estrutura de *Templatos* que os distingue (Borer, 2005). Mais detalhes acerca dos fundamentos teóricos serão discutidos na Seção 2 desta monografia.

Esta pesquisa teve como foco central a análise de nominais da língua paumarí, que, segundo Chapman e Derbyshire (1991), apresentam marcação sufixal de nominalizadores derivacionais, especificamente os com marcação *-hi*, *-i*, *-ni* e sem marcação expressa (-Ø), tanto em ocorrências argumentais, quanto inseridos em Construções com Verbos Leves (CVLs). Para tanto, observou-se a ocorrência de nominais na língua de um ponto de vista de trabalhos Construcionistas de Gramática Gerativa. Por este motivo, diferentemente de trabalhos anteriores, a análise e classificação de nominais não é realizada apenas com base em elementos lexicais de outras categorias que sofreram algum tipo de processo de derivação morfológica, gerando elementos nominais, como no caso de nomes deverbais. Para estabelecer uma classificação adequada e específica, observou-se desde os DPs mais simples

² O morfema categorizador pode ser especificado em uma das três categorias: n – nominal, v – verbal, a – adjetival.

³ Categorization Assumption, no original. Ver Embick & Marantz (2008).

da língua, que se referem a entidades do mundo, como *makari* (roupa) ou *koko* (tio) que não recebem nenhum tipo de sufixação explícita, quanto outros DPs descritos (em Chapman e Derbyshire, 1991) como nominalizados como *oba-hi* (corte/choque), que recebem o sufixo *-hi*. Por seguir um viés construcionista de gramática gerativa, adota-se aqui a ideia de que os itens lexicais não apresentam uma categoria gramatical prévia, ou seja, as raízes apenas tomam uma categoria em um ambiente sintático em que são inseridos. Desta maneira, pretendeu-se lidar com a categoria dos nominais de todos os tipos, classificando-os da maneira mais apropriada com base no tipo de estrutura em que estão inseridos, sejam verbais e nominais ou puramente nominal. Para tanto, adotei nomenclaturas e abordagens de leituras de nominais como Nominais de Entidade, Nominais de Resultado e Nominais de Evento, dentre outras características, presentes em diversos trabalhos, tanto lexicalistas como Grimshaw (1990), quanto Construcionistas como Alexiadou (2001), Borer (2003), Scher (2004) e Sleeman e Brito (2010), Aquino (2021) e Melo (2021, 2023). Os detalhes teóricos serão abordados na seção 3, no que se refere às bases fundamentais em que o trabalho se pautou e na seção 4 onde as análises foram realizadas na língua paumarí. Devido à carência de material de análise linguística existente nesta língua, o estudo das categorias basilares das línguas naturais como o verbo e nome (e possivelmente, o adjetivo) torna-se urgente para o entendimento de aspectos gramaticais da língua. A riqueza gramatical apresentada pela língua foi explorada, no decorrer dos últimos anos, por pesquisadores da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) dentro de um panorama da Gramática Gerativa. Os pesquisadores debruçaram-se, sobretudo, na categoria verbal como elemento central no estudo da língua, como os trabalhos pioneiros acerca dos núcleos aplicativos concatenados ao verbo em paumarí, analisados por Vieira (2006, 2010); os tipos de verbos intransitivos em Oliveiras (2008); estudos iniciais acerca da ergatividade em Duarte-Borges (2020); estudos sobre o morfema causativo e o morfema agentivizador, realizados por Galván (2014) e por Duarte-Borges (2023b); uma descrição inicial de verbos denominais na língua, por Leckar da Silva (2016); e estudos sobre os verbos auxiliares e verbos leves em Duarte-Borges (2022, 2023a), além de estudos em desenvolvimento sobre a possibilidade de passivas na língua (Duarte-Borges e Abrantes, no prelo). Com relação à categoria de adjetivos, há apenas um esboço inicial realizado por Braz Souza (2017, 2018) sendo de grande necessidade, também, o foco e estudo desta categoria. No caso dos nomes, não há

registro de estudos realizados em paumarí, o que urge como de importância vital uma proposta, ainda que preliminar, para esta categoria.

Assim sendo, esta monografia pretende ser uma primeira descrição e análise da categoria nominal para a língua. Não desejo, porém, abarcar toda a riqueza morfológica, sintática e semântica da estrutura nominal da língua. O objetivo com este breve trabalho é apresentar os exemplos de nominais mais recorrentes na língua, e classificá-los da maneira mais apropriada possível, dentro da fundamentação teórica escolhida. Em especial, pretendo focar o escopo do trabalho, de modo geral, em uma distinção entre estruturas que se inserem diretamente da raiz em um contexto sintático nominal (o que chamarei de Nominal Simples), que não projetam nós como vP ou AspP (Alexiadou, 2001), dos nomes deverbais, que são fruto de uma recategorização, a partir de uma raiz previamente categorizada em um contexto sintático verbal, podendo herdar assim, uma estrutura argumental e denotar semanticamente um evento, podendo assim, projetar vP e AspP e serem diferenciados por suas matrizes de traços [+/- agente] e [+/- resultado], respectivamente, segundo critérios adotados com base em Sleeman e Brito (2010).

Por outro lado, de modo mais específico, pretendo esboçar uma classificação com base nas leituras denotadas pelos tipos de nominais mencionados, presentes na literatura gerativa, como Nominais de Evento, Resultado e Entidade, porém não pretendo esgotar as possibilidades de análise para classificações deste tipo. A proposta desenvolvida aqui ficará como uma primeira apresentação descritiva, e minimamente analítica, com relação aos nominais em paumarí, delegando, para os trabalhos futuros a serem desenvolvidos, o papel de caracterizar os nominais de maneira mais aprofundada e detalhada, em especial no que tange às diferenças minuciosas descritas na literatura de nominais, especialmente os deverbais. Além de propor uma divisão inicial e simplória entre dois tipos de nominais que a língua pode apresentar através dos dados atualmente coletados, proporei alguns poucos testes, a serem realizados futuramente, em coletas de dados primárias. Estes testes servirão de base para nortear um possível trabalho de campo e as nuances que os dados da língua podem proporcionar no detalhamento aprofundado dos dados.

Esta monografia está dividida em cinco seções. A primeira é esta introdução, que apresento uma visão geral do trabalho; na segunda é apresentada a fundamentação teórica dos modelos adotados para análise e das bases essenciais utilizadas para o estudo dos nominais; a terceira é uma apresentação das nuances

gramaticais da língua indígena paumarí, para a compreensão dos dados que serão analisados; a quarta é a apresentação dos dados dos nominais e análise proposta para a língua; por fim, na quinta seção, a monografia é concluída.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. Nominalizações e o Lexicalismo

Um dos primeiros trabalhos formalistas acerca do estudo das nominalizações foi realizado por Chomsky, com “Remarks on Nominalizations” (1970). Nesta obra, o autor discute a problemática das nominalizações na língua inglesa. Um dos objetos centrais de análise em “Remarks” é a distinção entre as nominalizações gerundivas e as nominalizações derivadas, empiricamente representada nos exemplos abaixo:

1.
 - a. John criticized the book.
“John criticou o livro.”
 - b. John’s criticizing the book.
“John criticar o livro.”
 - c. John’s criticism of the book.
“A crítica de John ao livro.”

(Chomsky, 1970, p.187, tradução livre)

O exemplo em 1a) apresenta a formação do verbo *to criticize* (criticar) e suas possíveis nominalizações: uma gerundiva em 1b) e uma derivada em 1c). As gerundivas, segundo o autor, são bastante produtivas e regulares, tendo em vista o sufixo *-ing*, presente em diversos nomes deverbais da língua, além de também ter uma interpretação bastante regular. Por outro lado, as formas derivadas podem apresentar diversas inconsistências interpretativas e irregularidades formais. Por conta desta discussão, surge a hipótese que ficou conhecida como Hipótese Lexicalista. Esta ideia aparece na obra para a distinção entre o que é produzido na sintaxe e o que não é, em termos de estrutura de palavras. As nominalizações gerundivas do inglês teriam uma certa regularidade, de tal forma que estariam passíveis do determinismo do componente sintático. As palavras derivadas, por sua vez, irregulares e possivelmente imprevisíveis, seriam formadas em um componente de base, o Léxico.

Apesar da discussão elencada no trabalho do autor ter tido uma importância fundamental para a formação de uma visão do papel computacional do léxico na

arquitetura da gramática, a preocupação principal, levantada pelo autor, era se os nominais em inglês seriam formados por uma expansão das regras de reescritura ou das transformações, heranças de seus trabalhos anteriores (Chomsky, 1957, 1965).

É importante salientar que este trabalho de Chomsky exerceu uma forte influência nos trabalhos linguísticos que se sucederam. Uma vasta e rica discussão sobre a natureza linguagem, e o papel da Sintaxe e do Léxico na arquitetura da gramática, modelaram-se e remodelaram-se, no decorrer dos estudos linguísticos. Neste cenário, durante a década de 1990, surge uma nova visão que privilegia a sintaxe na questão da formação de palavras e seus componentes internos, com uma mudança radical no entendimento da arquitetura da gramática, com o advento da Morfologia Distribuída.

2.2. As nominalizações para Grimshaw (1990)

Em trabalho seminal, Grimshaw (1990), dentro de um panorama Lexicalista de Gramática Gerativa, realiza um estudo mais aprofundado sobre os tipos de nominalizações em inglês. Durante a discussão, a autora discute os tipos básicos de nominais no dualismo processo x resultado. Além disso, identifica três tipos básicos de nominalizações, com base em suas interpretações de um ponto de vista semântico e em suas estruturas internas, especificamente a estrutura argumental, a grade temática, e estrutura de eventos, a ver:

- A) Nominais de evento complexo: nomeiam um evento ou processo e apresentam argumentos.
- B) Nominais de Resultado: nomeiam o resultado de um processo ou de algum elemento associado a esse processo e não apresentam argumentos.
- C) Nominais de evento simples: similares aos nominais de Resultado, não apresentando argumentos, porém podem apresentar uma leitura eventiva.

Dentre estes, o tipo de nominal mais interessante a destacar, se tomarmos como parâmetro um ponto de vista das propriedades estruturais, é o Nominal de Evento Complexo. Para a autora, os Nominais de Evento Complexo são deverbais, significando que as estruturas argumentais, temáticas e eventivas, presentes na contraparte verbal, precisam ser obrigatoriamente saturadas na versão nominalizada,

ainda que possa haver uma “variação lexical” (sic), podendo-se omitir o argumento externo (Grimshaw, 1990, p. 49). Para exemplificar, observemos abaixo:

2. a) Mary examined the patients.

"Mary examinou os pacientes."

b) The examination of the patients took a long time.

“Examinar os pacientes levou um longo tempo”

c) The exam was on the table.

“O exame estava na mesa.”

(Grimshaw, 1990, p. 49, adaptado)

O nome *examination* em 2b), na proposta da autora, seria uma nominalização do verbo *to examine*, como na sentença em 2a), herdando, portando, suas propriedades semânticas e argumentais; *to examine* é um verbo transitivo, necessitando da saturação de dois argumentos. O objeto é argumento obrigatório neste processo, enquanto o argumento externo é facultativo. Dessa forma, a ausência do PP “of the patients” em b) acarretaria uma agramaticalidade. Por sua vez, a sentença em 2c) apresenta um Nominal de Resultado, que não é derivado do verbo citado e não necessita de saturação argumental, sendo apenas uma entidade referenciada no mundo.

Outra característica a se ressaltar, na proposta de Grimshaw, refere-se à extensão aspectual e temporal que os Nominais de Evento Complexo podem apresentar. Por serem derivados de verbos e apresentarem uma leitura aspectual e de evento podem ser modificados por *take time* (levar um tempo), *frequent* (frequente), *constant* (constante), *after* (após), etc.

Por poderem representar uma entidade no mundo – ainda que abstrata, os Nominais de Evento Simples e os de Resultado podem ser pluralizados, diferentemente dos Nominais de Evento Complexo; do mesmo modo, os nominais de Evento Complexo não podem aceitar determinantes indefinidos nem demonstrativos.

De forma resumida, listo aqui todas as características citadas por Grimshaw para a definição das propriedades de cada nominal básico, mesmo que não tenha discutido algumas delas em detalhes. São elas:

- a) Nominal de Evento Complexo: Argumento interno obrigatório; interpretação eventiva; permite modificação agentiva e modificadores aspectuais e temporais; não permite pluralização, sendo massivos; o sujeito de sua estrutura é um argumento do antigo VP e *by phrases* são argumentos.
- b) Nominais de Resultado: não têm argumentos ou não são obrigatórios; interpretação de entidade; não permite modificação agentiva nem modificadores aspectuais ou temporais; permite pluralização, sendo contáveis; o sujeito de sua estrutura é um possessivo e *by phrases* não são argumentos.
- c) Nominais de Evento Simples: todas as características de um Nominal de Resultado, exceto por terem uma eventualidade denotada como os Nominais de Evento Complexo.

2.3. O Construcionismo (ou Não Lexicalismo)

A partir da década de 1990, a hegemonia dos modelos de gramática, desenvolvidos com base na Hipótese Lexicalista, foi contestada e uma nova visão do papel do Léxico e da Sintaxe foi proposta. Halle e Marantz (1993) propõe que a estrutura das palavras teria sua formação centrada na sintaxe, da mesma maneira que estruturas maiores - como as sentenças e sintagmas são formados - nos modelos vigentes de Gramática Gerativa. Ou seja, as unidades menores que os sintagmas também estariam sujeitas às operações sintáticas tradicionais como concatenar (*merge*), Mover (*move*) e copiar (*copy*), como na Teoria da Regência e Ligação clássica (Chomsky, 1981) e no Programa Minimalista (Chomsky, 1993; 1995). A arquitetura da gramática seria interpretada de modo distinto do modelo padrão, sendo o Léxico não mais um repositório de palavras e idiosincrasias.

Marantz (1997), ao criticar de modo contundente os modelos lexicalistas vigentes, propõe mudanças drásticas na visão da gramática, reafirmando a proposta realizada em Halle e Marantz (1993). Neste trabalho, o autor realiza um estudo das nominalizações, similar ao realizado em Chomsky (1970), porém adequando a proposta para a nova visão centrada na Sintaxe. Para o autor, além da estrutura interna das palavras ser formada da mesma maneira que as sentenças, a interpretação semântica da palavra também é realizada da mesma maneira, ou seja, pautadas no Princípio da Composicionalidade⁴. Em relação às expressões idiomáticas, em que há uma interpretação especial da estrutura como um 'bloco unificado', o autor propõe um limite de significados especiais abaixo do domínio do argumento externo e algumas regras de interpretação. Diferente de propostas lexicalistas como de Jackendoff (1975, 1992) os significados especiais não formam uma lista de novas entradas no Léxico.

A MD propõe também a divisão do Léxico tradicional em três listas distribuídas, o que proporciona uma economia considerável ao sistema. As Listas são acessadas de maneira independente pela Computação sintática: a Lista 1, também chamada de Léxico Estrito, compõe um repositório de feixes de traços morfossintáticos e elementos funcionais atômicos, predeterminados pela Gramática Universal, além, é claro, das raízes acategoriais. Os primitivos sintáticos são, portanto, raízes e núcleos funcionais.

Após a formação da estrutura sintática, a derivação segue para a Estrutura Morfológica (EM), local em que operações morfológicas como Fusão, fissão, empobrecimento, etc podem ser realizadas, para o ajuste final da estrutura, antes de ir para a interface fonológica - Phonological Form (PF). Após isto, a inserção de material fonológico, concentrado na Lista 2, ou Vocabulário, é realizada. Esta lista é composta dos itens de vocabulário, acessados pós-sintaticamente com a finalidade de parear os itens fonológicos específicos de cada língua com os nós terminais sintáticos que carregam traços gramaticais.

A Lista 3, ou Enciclopédia, é o repositório de significados especiais, e nela reside a arbitrariedade conceitual das raízes e o conhecimento enciclopédico essencialmente extralinguístico, ou seja, os significados especiais como em

⁴ O Princípio da Composicionalidade remete a um dos preceitos fundamentais da Semântica Formal, que significa que o significado do todo é equivalente ao significado da soma das partes. Sintaticamente, significa que a interpretação de uma sentença equivale aos significados dos sintagmas individualmente (Partee, 2004).

expressões idiomáticas tais quais *chutar o balde*, *engolir sapo*, etc. Portanto, formações cuja natureza conceitual seja, ou idiomática ou puramente arbitrária, como no caso de significado de raízes, estariam armazenados na Enciclopédia. Os significados regulares, sentenciais ou de palavras, seriam atribuídos na relação com a interface interpretativa do significado - *Logical Form* – LF de modo composicional. O esquema abaixo ilustra o modelo:

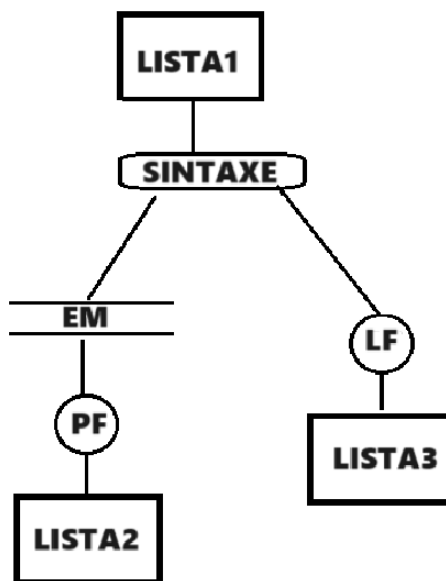


Figura 1: Esquema básico do modelo da Morfologia Distribuída.

Fonte: criação própria.

Ao propor um novo modelo de gramática, os teóricos da MD levantam algumas propriedades essenciais que o modelo apresenta, diferenciando-se dos outros modelos anteriores: *Sintaxe por toda a derivação*, *Inserção Tardia* e o *Princípio do Subconjunto*, que rege a *Subespecificação* de peças de vocabulário.

A *Sintaxe por toda derivação*⁵ estabelece que todos elementos, sejam eles sentenças ou palavras, obedeçam a princípios sintáticos, durante todo o curso da derivação sintática. A operação essencial da gramática, *Concatenar* (Merge), estabelecida em Chomsky (1993; 1995) rege, assim, a estrutura interna de palavras.

A *Inserção Tardia*⁶ define que os itens fonológicos são inseridos tardiamente, isto é, pós-sintaticamente. Isto significa que os primitivos sintáticos definidos pela GU

⁵ Syntax All the Way Down.

⁶ Late Insertion.

e abastecidos na sintaxe pela Lista 1 são abstratos, não carregando elementos fonológicos, delegando assim, para a Lista 2, a tarefa paramétrica de atribuir os sons de uma língua.

O Princípio do Subconjunto⁷ propõe que todos os traços abstratos de um feixe de traços, carregados por um nó sintático, possam ser relacionados com um item de Vocabulário que apresenta tais traços a parrear. Além disso, este princípio desencadeia a propriedade da Subespecificação de Itens de Vocabulário⁸. Esta propriedade demonstra que um item de vocabulário não precisa, necessariamente, apresentar todos os traços especificados para ser pareado com um nó terminal sintático, ou seja, a Subespecificação ajudaria a economizar traços ao ser pareado em certos nós que não sejam completamente especificados. Um exemplo de tal Subespecificação pode ser empiricamente demonstrado no paradigma verbal em muitas variedades do português brasileiro: a segunda e terceira pessoas do presente podem apresentar a mesma forma conjugada em verbos como *comprar* - *você compra*, *ele compra* –, *dizer* - *você diz*, *ele diz*–, por exemplo. O traço de pessoa nestes exemplos é Subespecificado, sendo pareado o mesmo item fonológico para as duas pessoas no paradigma verbal da língua, proporcionando assim, uma economia considerável no sistema da gramática.

2.4. A formação categorial em Arad (2003)

Arad (2003) discute verbalizações na língua hebraica e inglesa dentro de um panorama da MD a partir de nomes e a partir de raízes. A autora adapta trabalhos lexicalistas como Kiparsky (1982) para distinguir a complexidade de determinadas palavras como *hammer* e *tape* e suas ocorrências no inglês, tanto em contexto verbal (*martelar* e *adesivar*, respectivamente), quanto nominal (*martelo* e *adesivo*, respectivamente). Observe as sentenças a seguir:

3. a) *She *taped* the picture to the wall with pushpins.

“Ela adesivou o quadro na parede com tachinhas”

b) He *hammered* the nail with a rock.

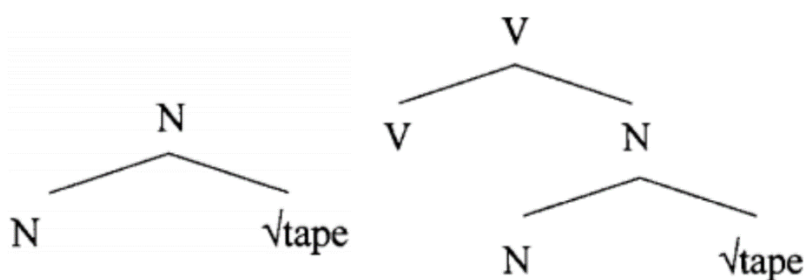
⁷ Subset Principle.

⁸ Underspecification of Vocabulary Items.

“Ele martelou o prego com uma pedra.”

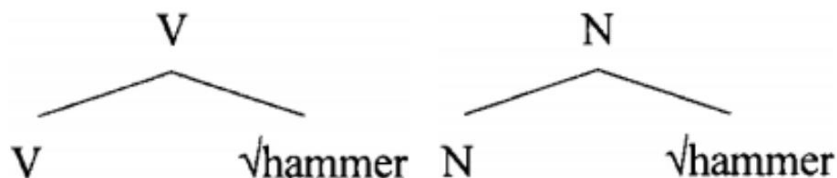
(Arad, 2003, p. 756, tradução livre)

A conclusão a partir destes dados em inglês é bastante interessante. A ocorrência da agramaticalidade na sentença em 2a) deve-se à possibilidade, única e exclusiva, de ausência de um objeto cognato ao verbo em posição de adjunto – apenas *tape* poderia ocorrer com verbo *to tape* -, o que, para autora, parece ser um indicativo de que o verbo exemplificado tem sua origem categorial no nome, ou seja, a derivação parte da base nominal para uma recategorização verbal. A estrutura proposta para estes casos pode ser vista abaixo:



(Arad, 2003, p. 14)

Nos casos em que a ocorrência de um objeto de qualquer origem é licenciada para o adjunto, como em 2b), é bastante provável que a derivação seja uma categorização direta da raiz - *to hammer* e *hammer*, ambos categorizados direto da raiz. A estrutura proposta para este caso pode ser vista abaixo:



(Arad, 2003, p. 14)

Apesar de não ser o único argumento em favor de tal conclusão, especialmente por lidar com uma questão semântica, a discussão levantada pela autora tem implicações bastante produtivas no entendimento de categorizações e recategorizações de diversos tipos.

Outra asserção da autora que dialoga com Marantz (1997; 2001; 2007) é a proposta dos limites de idiomatização em palavras complexas e do fechamento de uma *fase sintática*, de dentro do modelo da MD, com base na proposta de Fases de Chomsky (2001) e adaptadas para a realidade da estrutura interna de palavras por Marantz (2001; 2007). Segundo essas propostas, o primeiro morfema categorizador é o que atribui a interpretação idiomática para a estrutura. Os próximos núcleos funcionais categorizados a estes não têm acesso à interpretação dada localmente ao se fechar uma fase.

2.5. Nominalizações sob uma perspectiva Construcionista

Uma das primeiras pesquisadoras que realizaram trabalhos de cunho Construcionista de Gramática Gerativa discutindo os tipos de nominalizações propostos por Grimshaw (1990) foi Hagit Borer. Em Borer (2003) a autora foca na distinção realizada entre os Nominais de Eventos complexo e os Nominais de Resultado, propondo uma arquitetura gramatical conhecida por Modelo Exoesquelético.

Apesar de alinhar-se com a Morfologia Distribuída em se tratando dos princípios básicos da formação de palavras e inexistência de um léxico gerativo, o Modelo Exoesquelético propõe algumas propriedades que o distinguem como um modelo diferenciado de arquitetura de gramática.

Em primeiro plano, a não necessidade de um morfema categorizador diminui a quantidade de “zeros” fonológicos, isto é, dispensa camadas extras na estrutura sintática. Desse modo, não há a necessidade da formação de palavras que possivelmente não estejam disponíveis no conhecimento linguístico do falante. A maneira como a estrutura sintática neste modelo se constrói baseia-se na inserção do elemento conceitual de um Domínio Lexical - o item enciclopédico - em um contexto sintático específico, seja ele um núcleo determinante - *Determiner* (D) - para a formação de nomes, seja ele Tempo - *Tense* (T) - para formação de verbos. Dessa maneira, a categoria sintática é atribuída à raiz contextualmente.

Pelo motivo descrito anteriormente, ao discutir as nominalizações levantadas em Grimshaw (1990), Borer (2003) propõe que todo Nominal de Evento Complexo precisa possuir uma contraparte verbal fonologicamente disponível na língua⁹. Por conta de tal característica, a nominalização tem uma interpretação conceitual regular e composicional, isto é, advinda da interpretação já atribuída ao verbo.

Alexiadou (2001), um pouco antes do trabalho de Borer (2003), realiza um estudo dos nominais em diversas línguas - sobretudo, o grego, o hebraico e o inglês - com base no estudo de nominalizações de Grimshaw (1990), porém, em um modelo Construcionista, similar à proposta da Morfologia Distribuída, ao defender que as estruturas de palavras se formam por meio de projeções funcionais e raízes sem categorias. As raízes, para a autora, podem tomar argumentos em um nó sintático que chama de Lexical Phrase (LP). A autora propõe que os nominais complexos, sejam eles com leitura de processo (evento) ou de resultado, tenham complexidade estrutural e possam tomar argumentos. Para tal, a autora sugere que a distinção entre os nominais de evento e resultado dê-se pela estrutura interna que estes nominais apresentam: presença e ausência de núcleos v e Asp.

O núcleo v para Alexiadou, é o *locus* da agentividade, e contém informações gramaticais para o licenciamento e projeção de VoiceP, caso seja [+agentivo]; se for [-agentivo] não projeta argumento externo; além disso, é o núcleo que atribui/cheça traços relativos ao Caso do objeto, o acusativo, além de carregar os traços relativos à eventualidade.

O núcleo Asp, para a pesquisadora, carrega informações acerca de traços de natureza semântica, no que tange ao evento verbal, seja perfectivo ou imperfectivo.

Dessa maneira, nominais de evento projetam vP e AspP; nominais de Resultado são projetados direto do nó LP, apresentando nós funcionais típicos de nomes como projeções de quantificação (NumP), concordância (AgreeP) e gênero (GenderP).

Em Sleeman e Brito (2010), as autoras também revisam o trabalho de Grimshaw (1990) e de Alexiadou (2001), estudando nominais deverbais translinguisticamente, focando-se, em especial, na possibilidade da presença ou não

⁹ Diferente da proposta de Scher (2004) dentro da MD, por exemplo. Em construções com Verbos Leves como 'dar uma garrafada' o nominal que aparece como complemento do verbo, 'garrafada', precisa ter uma camada verbal prévia para sua formação deverbal, ainda que não esteja disponível no conhecimento dos falantes (garrafar). Este tipo de estrutura não acontece no Modelo Exosquelético.

de argumentos nos tipos de nominais. A conclusão a que as autoras chegam, em linhas gerais, é que, em ambos, Nominais de Evento (tanto os simples quanto os complexos) e Nominais de Resultado, podem ter a ocorrência de argumentos e comportam-se de maneira parecida. A principal proposta levantada baseia-se em uma matriz de traços [+/- agente] e [+/- resultado], partindo da proposta dada em Alexiadou (2001). Nos trabalhos de Sleeman e Brito, o traço de agentividade refere-se à presença de um nó vP na derivação; o segundo, à presença de um nó AspP. Dessa maneira, a distinção entre processo vs resultado, tratada inicialmente em Grimshaw, é revista e três principais categoriais de nominais deverbiais são propostas:

- a) Nominal de Entidade, ou seja, aquele que não participa da matriz de traços devido à ausência de vP e AspP;
- b) Nominal "mais verbal", devido à presença de traços [+agente] em vP, podendo ser defectivo em AspP [-resultado] ou não [+resultado];
- c) Nominal "menos verbal", em que vP tem traço [-agente], podendo ser ou não defectivo em AspP.

A criação da classe de Nominais de Entidade trouxe a distinção do que antes se entendia em Grimshaw (1990) como parte dos Nominais de Resultado. Os nominais que não têm em sua estrutura, nem a presença de vP, nem a presença de AspP se enquadram nessa classe. A categorização do nominal é realizada diretamente da raiz. Observemos os exemplos abaixo em português:

- 4. a) A construção é de boa qualidade.
- b) *A construção dos campos de jogos pelas autoridades é de boa qualidade.

(Sleeman e Brito, 2010, p. 127, adaptado)

Mesmo com a ocorrência da nominalização em *-ção*, estes nominais representados em 4a) e 4b) podem ser definidos na classe de Entidade, pelo fato de a referência ser um elemento concreto do mundo ¹⁰ e por poderem ocorrer com um

¹⁰ Os Nominais de Entidade podem se realizar independentemente do objeto no mundo ser concreto ou abstrato. Nestes exemplos, *construção* se refere a um objeto "construído pelo ser humano" como um prédio, por exemplo. Nada impediria de o Nominal de Entidade ser um conceito abstrato.

predicador atributivo. A impossibilidade de realização com argumentos, como em 4b), reforça sua natureza. Nominais de Entidades são, portanto, nomes simples inseridos diretamente da raiz em um contexto sintático - ou categorizados com um morfema categorizador enezinho (n), seguindo o princípio dado pela Assunção de Categorização.

Nominais de Resultado, por sua vez, podem ser combinados com *by-phrase* agentivo¹¹, enquanto Nominais de Entidade, não. Na sentença “A *análise* do texto pelo aluno enriqueceu o conhecimento dos colegas” (Sleeman e Brito, 2010, p. 120), o *by-phrase* agentivo “pelo aluno” não poderia ocorrer caso o nominal fosse de Entidade, acarretando uma agramaticalidade. Este exemplo prova, empiricamente no português, que um Nominal de Resultado pode selecionar argumentos, em certas circunstâncias, contrariando a definição de Grimshaw.

Uma asserção importante realizada em Sleeman e Brito refere-se à propriedade dos Nomes de Evento Complexo serem massivos, além de sua possibilidade de pluralização. Para elas, os Nomes de Evento Complexo, assim como os Nominais de Resultado podem ser pluralizados, mais uma oposição à proposta de Grimshaw (1990). Observemos os exemplos em português europeu:

5.

- a) Os jornalistas estavam a assistir a várias **destruições** de pontes, quando chegaram as tropas.
- b) Os jornalistas estavam a assistir a uma **destruição** da ponte, quando a bomba caiu.
- c) Os jornalistas estavam a assistir a essa **destruição** da ponte, quando a bomba caiu.

O exemplo em 5a) é uma evidência de que o nominal de evento *destruição* pode ser pluralizado. Adicionalmente, contrariando as asserções dos trabalhos anteriores, nominais de Evento Complexo permitem a ocorrência com determinantes

¹¹ *By-phrase* agentivo refere-se ao tipo de adjunto que ocorre em alguns nomes deverbais, como em passivas, por exemplo, devido à movimentação, descrito por Alexiadou (2001). Sentenças como “O bolo foi comido pela menina”, o *by-phrase* é representado pelo PP ‘pela menina’ e a agentividade do nome é mantida, ainda que fora do núcleo verbal.

indefinidos como em 5b). Adicionalmente, em 5c) evidencia-se a possibilidade de o Evento Complexo licenciar a ocorrência de um demonstrativo.

3. GRAMÁTICA PAUMARÍ

3.1. Ordem oracional e sistemas de Caso

O paumarí apresenta uma classificação tipológica como língua morfologicamente aglutinante, por demonstrar um comportamento verbal bastante rico em relação à concatenação de núcleos funcionais fonologicamente expressos. Demonstra comportamentos típicos de línguas ergativas, visto que exhibe comportamento sintático e expressão sufixal tanto de línguas Ergativo-Absolutivas como de línguas Nominativa-acusativas, a depender de seus contextos sintáticos e ordem oracional.

Para melhor explicitar o comportamento dos argumentos em seus sistemas de Caso na língua, adoto aqui a nomenclatura tipológica dos três primitivos dada em Dixon (1994): S, sujeito de verbos intransitivos; A, sujeito de verbos transitivos; O, objeto de verbos transitivos.

De modo geral, uma estrutura em que o sujeito de um verbo intransitivo (S) se comporta morfológica e sintaticamente semelhante ao objeto de um verbo transitivo (O), porém de maneira distinta do sujeito de verbos transitivos (A), é chamado de Sistema Ergativo-Absolutivo (S = O).

Na situação em que o sujeito de verbos intransitivos (S) se alinha com o sujeito de verbos transitivos (A), opondo-se ao objeto de verbos transitivos (O), tem-se um sistema nominativo-acusativo.

Segundo descrição realizada pelos Pesquisadores do SIL, o paumarí demonstra um comportamento similar ao de línguas ergativas cindidas, coexistindo também o sistema de caso nominativo-acusativo. A ordem oracional é determinante para o engatilhamento de determinados sistemas de Caso. Em sentenças cuja ordem oracional é a sujeito-verbo-objeto (AVO)¹² o sistema de Caso engatilhado é o ergativo-absolutivo. Nesta ordem oracional, manifesta-se a marcação do argumento A por meio do sufixo *-a que* marca o sujeito ergativo, normalmente em terceira pessoa. O verbo apresenta ainda um prefixo que concorda em número com o sujeito ergativo de terceira pessoa, o prefixo *bi-*. O verbo concorda em gênero com o objeto O, por meio do sufixo modal *-hi* (feminino) e *-ha* (masculino). Por sua vez, o objeto pós-verbal O

¹² Tradicionalmente se adota a sigla SVO, porém, para manter uma mesma nomenclatura, adoto aqui A para os sujeitos de verbos transitivos e S para sujeito de intransitivas, como mencionado anteriormente.

não apresenta marcação explícita de Caso absolutivo (-Ø) e sempre é precedido por um demonstrativo que concorda em gênero com o nome que acompanha. Observe o exemplo abaixo:

6. Mamai-a bi-n-oba-hi ida ava pa'itxi-Ø . (AVO)
 mãe-Erg 3Sg-Causa-cortar-Mod.f Dem:f árvore pequena-Abs
 “Mamãe cortou a árvore pequena.”

A contraparte que representa as estruturas intransitivas da língua segue a ordem oracional verbo-sujeito (VS). Da mesma forma que a sentença transitiva AVO, o verbo concorda em gênero com o sujeito pós-verbal, e este recebe marcação de Caso absolutivo não explícita (-Ø) e é precedido pelo demonstrativo, que concorda em gênero com o sujeito. O exemplo abaixo ilustra a ocorrência:

7. Abini-'i-hi ida arakava-Ø. (VS)
 morrer-Asp-Mod.f Dem.f galinha-Abs
 “A galinha morreu. ”

(CHAPMAN e DERBYSHIRE, 1991, p. 250, adaptado)

O padrão nominativo-acusativo ocorre principalmente na ordem objeto-verbo-sujeito transitivo (OVA). Neste sistema, o sujeito aparece em posição pós-verbal, precedido do demonstrativo, no qual concorda em gênero com o nome, e não apresenta marcação explícita para o Caso nominativo (-Ø). Além disso, o verbo engatilha a concordância de gênero apenas com o sujeito pós-verbal. O objeto, que aparece em posição pré-verbal, não apresenta nenhum tipo de concordância com o verbo e tem sua marcação de Caso acusativo expressa pelo sufixo *-ra*. O exemplo abaixo ilustra esta ocorrência:

8. ho-ra ka-ihamahi-ha ada isai-Ø. (OVA)
 1Sg-acc Apl-zangar:se.mod.m Dem.m menino-Abs
 “O menino se zangou comigo. ”

(CHAPMAN, 1978, p. 20, adaptado)

Uma das principais motivações para ocorrência deste sistema de Casos, parece ser motivado por uma questão número-pessoal: de maneira geral, quando algum dos argumentos não se apresenta sob a forma de terceira pessoa, ou seja, quando vigora em primeira ou segunda pessoas, este sistema é engatilhado.

Há ainda a possibilidade da ordem sujeito transitivo-objeto-verbo (AOV), em que o verbo parece manifestar concordância sufixal em gênero com o sujeito e o objeto apresenta a marcação de Caso acusativo (-ra):

9. Mamai-Ø ho-ra baranaha-i'-hi. (AOV)
 Mãe-nom 1Sg-Acc chamar-Asp-Mod.f
 “Mamãe me chamou.”

(CHAPMAN e DERBYSHIRE, 1991, p. 296, adaptado)

Esta ordem, porém, não parece bastante clara em termos descritivos e analíticos, tendo em vista o nível atual de entendimento que se possui da língua. Para os pesquisadores do SIL, esta é uma ordem padrão de sistemas nominativo-acusativo. Segundo algumas propostas recentes como Duarte-Borges (2020), esta ordem parece demonstrar a manifestação de um sistema tripartido¹³. Não entrarei em mais em detalhes com relação a este fenômeno, tendo em vista o escopo da monografia, porém, investigações acerca do fenômeno estão em andamento (Duarte-Borges, no prelo).

3.2. O DP em paumarí

3.2.1. As propriedades dos nomes

¹³ Sistema de Caso em que há a diferenciação de três Casos, marcados morfológica e sintaticamente de maneiras distintas; em geral, as línguas que exibem este sistema apresentam Caso Ergativo, Caso Acusativo e uma fusão dos Casos Absolutivos e Nominativo, apesar de não ser algo universal (Velupillai, 2012). Algumas línguas que representam este sistema, dentre as línguas indígenas brasileiras, são o maxacali - de família linguística homônima (Campos, 2006) -, e o yawanawá - da família pano (Camargo Souza, 2017).

Como demonstrado anteriormente, os nomes na língua costumam aparecer marcados com sufixo de Caso: Ergativo, com sufixo *-a*; acusativo com sufixo *-ra*; oblíquo com sufixo *-a*; nominativo e absolutivo, sem marcação expressa. Os nomes não apresentam marcação de número e nem de gênero, propriedades expressas nos demonstrativos que (algumas vezes) os acompanham.

Os nomes apresentam, ainda, distinções entre nomes alienáveis e inalienáveis. Esta propriedade tem relação direta com a natureza conceitual do nome e características de pertencimento do objeto em relação ao indivíduo, e podem ser marcados com diferentes prefixos como *o-* (1Sg), *i-* (2Sg), *va/vi-* (3Pl), por exemplo. São nomes inalienáveis quase todas as partes do corpo, tais como *avai* (perna), *sa'ai* (mão), *baasafi* (pele), por exemplo, além de outros itens pessoais como *gora* (casa) e *jorai* (esteira de dormir). As duas únicas partes do corpo que não são inalienáveis são *joho* (peito) *afo'afo* (pulmões), possivelmente por motivos extralinguísticos relativos à religiosidade, que merecem ser investigados mais profundamente em outro trabalho.

Os nomes alienáveis representam todos os outros nomes que não pertencem a um indivíduo - excetuando duas partes do corpo citadas -, e podem ser marcados com outros prefixos de posse, estes variando em número e gênero, como *kodi-* (meu), *kada-* (teu), *akadi-* (nosso), por exemplo.

Os nomes podem apresentar ainda uma distinção de classe, chamada classe *ka*, segundo os trabalhos descritivos. Não há uma regularidade atestada para determinar os nomes de cada classe, porém, é sabido que os nomes da classe *ka* ocorrem em menor número que os não-*ka*. “Ka” é analisado como o prefixo que o verbo (e por vezes o adjetivo) apresenta em concordância com um argumento interno que seja desta classe. Observe:

10. o-ka-nofi-ki oni vanami ka-karaho
 1Sg-ka-querer-mod dem remo ka-grande
 “Eu quero o remo grande.”

(Chapman e Derbyshire, 1991, p. 255)

3.2.2. Os determinantes

Com relação aos determinantes na língua, sabe-se muito pouco de seu estatuto sintático-semântico. O que se sabe é que a língua não apresenta artigos e a expressão da definitude (e indefinitude) pode ser expressa por meio de demonstrativos ou por nominais nus. O paradigma dos demonstrativos é bem diversificado, podendo variar sua forma de acordo com o número, pessoa e gênero e por informações dêiticas. A tabela a seguir representa o paradigma geral dos demonstrativos:

	Na posição do falante	Na posição do ouvinte	Distante do ouvinte / não especificado em tempo e local
Singular Feminino	Hida	Oni	Ida
Singular Masculino	Hada	O	Ada
Plural genérico	hadani	-	Adani

(Chapman e Derbyshire, 1991, p. 261, adaptado)

Um ponto interessante sobre os demonstrativos é sua ocorrência ser praticamente restrita à posição pós-verbal. Por exemplo, quando há alguma topicalização de argumento da ordem canônica para a periferia esquerda da oração, o demonstrativo não ocorre, porém o sufixo modal expresso no verbo mantém a concordância em gênero. Nas poucas possibilidades descritas pelos pesquisadores do SIL de os demonstrativos ocorrerem em posição pré-verbal, não parecem funcionar como um demonstrativo típico, e sim como partículas enfáticas ou pronomes (Chapman & Derbyshire, 1991).

Outra propriedade bastante curiosa dos demonstrativos na língua é a impossibilidade de ocorrer mais de um demonstrativo por oração. Este comportamento dos demonstrativos em paumarí parece similar ao comportamento de demonstrativo em outras línguas indígenas brasileiras, como o Terena, da família Arawak (Quadros-Gomes, Julio e Borella, 2021). Porém, mais investigações aprofundadas desta classe necessitam ser realizadas.

3.3. O VP em paumarí

O verbo em paumarí é uma das categorias mais produtivas da língua, por conta de sua riqueza morfofonológica e manifestação expressa de núcleos funcionais em forma de afixos, concatenados à raiz. Por meio de afixos de mudança de valência, como intransitivizadores, aplicativos e causativos, a língua parece demonstrar um comportamento estrutural bastante complexo, como será descrito a seguir.

3.3.1. Os aplicativos

As análises pioneiras de Vieira (2006, 2010) reclassificaram diversos elementos funcionais da língua em núcleos aplicativos, antes chamados de “transitivizadores”, “benefactivos” ou “comitativos”, nos trabalhos dos Pesquisadores do SIL. A autora estabeleceu uma distinção entre aplicativos altos e baixos, tomando como base a proposta de Pylkkänen (2002) acerca da tipologia dos aplicativos nas línguas naturais.

Vieira (2006) observa inicialmente que a língua apresenta quatro tipos de aplicativos altos: os prefixos *ka-*, *‘a-*, *va-/vi-* e o afixo descontínuo *ka...-hi*. Já em seu trabalho subsequente (Vieira, 2010), a autora retifica a análise anterior com relação ao aplicativo *ka...hi*, agora analisando-o como aplicativo baixo.

O aplicativo alto *ka-* ocorre concatenado às construções intransitivas e realiza o licenciamento de um objeto aplicativo com papel de fonte ou beneficiário. Observe no exemplo:

11. a) o-asara-hi
1sg-chorar-mod
“Eu chorei.”
- b) o-ka-asara-ha ada isai
1Sg-aplA-chorar-mod dem menino
“Eu chorei pelo menino.” (lit: “*Eu chorei o menino”)

Ao ser concatenado ao verbo, o prefixo *ka-* licencia o objeto ‘*ada isai*’ (o menino) com papel de beneficiário.

O prefixo *va-* (e seu alofone *vi-*) é mais um dos aplicativos altos da língua e ocorre concatenado às construções intransitivas, licenciando um objeto aplicativo

com a possibilidade de diversos papéis, dentre os quais locativo, instrumento e comitativo. Observe o DP *'ada isai'*, mais uma vez sendo licenciado, desta vez com papel de comitativo:

12. a) o-adara-hi
1Sg-viajar-mod
"Eu viajei."
- b) o-va-adara-ha ada isai.
1sg-aplA-viajar-mod dem menino
"Eu viajei com o menino" (lit. "*Eu viajei o menino")

Com relação ao aplicativo *'a*, Vieira destaca sua ocorrência como aplicativo alto, licenciando um argumento quando o núcleo verbal tem a presença do verbo leve *ni*¹⁴.

13. a) mitha 'o-ni-na.
Escuta 1Sg-leve-mod
"Eu escuto."
- (Chapman, 1978, p.19, adaptado)

- b) mitha o-ni-'a-ki ida itho-ni
escuta 1Sg-leve-aplA-mod dem som-nomlz
"Eu escuto o som".

(Chapman e Derbyshire, 1991, p. 336, adaptado)

¹⁴ Até o momento da realização do trabalho de Vieira (2006, 2010), o verbo *ni* era tido como um verbo auxiliar, que ocorria junto de uma classe de verbos bastante restrita como *bada* (trabalhar), *vara* (ouvir), dentre outros. Após os trabalhos de Duarte-Borges (2022, 2023a), partindo de uma intuição já presente em Vieira (2006), o verbo *ni* foi reinterpretado como leve, e seu complemento, não mais como verbo e sim, como nome em uma Construção com Verbos Leves (CVLs).

Por fim, o aplicativo baixo expresso pelos itens de vocabulário descontínuos *ka-...-hi* é realizado dentro do núcleo verbal em posição de argumento interno do verbo, segundo classificação de Vieira (2010).

14. a) Jaha-ki 'ida gora
Limpar-mod dem casa
“A casa está limpa.”
- b) Gisi ho-ra ka-jaha-hi-hi ida gora bodoni.
Gisi 1sg-acc aplB-limpar-aplB-mod dem casa dentro
“Gisi limpou o interior da casa para mim.”

Este aplicativo é concatenado a construções intransitivas e introduz dois argumentos: um agente e outro no papel de beneficiário ou alvo, sempre denotando transferência de posse.

3.3.2. Os Causativos

Em relação à causatividade, o paumarí é uma língua do tipo *Voice-Splitting* (Pylkkänen, 2002; Harley, 2017)¹⁵, ou seja, apresenta uma cisão na expressão de sujeito em dois diferentes núcleos, ora agentivo, ora causativo (Galván, 2014).

Em relação às expressões de causativas, a língua parece apresentar duas formas de produzir causativas: a primeira por meio de um prefixo para causativização, chamada de causativa prototípica (Duarte-Borges, 2023b): *na-* (e alofones *ni-* /*n-*), já descrito nos trabalhos dos pesquisadores do SIL. A segunda, proposta em Duarte-Borges (2023b), sem marcação explícita na estrutura causativa, porém com marcação sufixal de *-ha* (alofone *-a*) na versão anticausativa, chamada pelo autor de não-prototípica.

¹⁵ O termo *Voice Bundling* foi cunhado por Pylkkänen (2002) para designar línguas que expressam Causa e Agentividade em um mesmo núcleo, o *VoiceP*, como o inglês; as línguas cuja expressão de Causa e Agentividade se dão em núcleos separados são chamadas pela autora de *Non-Voice-Bundling*, ou *Voice-Splitting*, nos termos de Harley (2017); as línguas que apresentam esta propriedade projetam núcleo *VoiceP* e núcleo *CauseP*, como é o caso do paumarí.

A causativa prototípica é bastante produtiva e pode ocorrer em praticamente todos os tipos de verbos intransitivos, sejam de mudança de estado, mudança de lugar, atividade e estado (Oliveiras, 2008; Galván, 2014) e licencia um argumento causador. Observe:

15. a) Txina-ki hida café.
Doce-mod dem café
“O café está doce”
- b) O-na-txi-ki hida café.
1Sg-Causa-doce-mod dem café
“Eu adocei o café.”
16. a) Vithi-ha ada isai
Sentar-mod dem menino
“O menino sentou.”
- b) O-na-vithi-ha ada isai.
1Sg-Causa-sentar-mod dem menino
“Eu sentei o menino.”

A causativa não-prototípica caracteriza-se pela marcação sufixal explícita na anticausativa, dada pelo sufixo *-ha*. Observe:

17. a) Jomahi-a bi-khori-ki ida nami.
Cão-erg 3Sg-cavar-mod dem terra.
“O cão cavou a terra.”
- b) khora¹⁶-ha-ki ida nami.
Cavar-anticaus-mod dem terra
“A terra pode ser cavada” (lit. “*A terra cava”)

¹⁶ Segundo Chapman & Derbyshire (1991) o verbo *khori* pode sofrer ajuste fonológico motivado pelo sufixo *-ha*, tornando-se *khora*.

(Chapman, 1978, p. 14, adaptado)

Segundo a proposta de Duarte-Borges (2023b), a diferença entre os dois tipos de causativas se dá devido ao traço [- arg. externo] que o VoiceP carrega¹⁷, bloqueando a expressão do sujeito, seguindo proposta dada em Alexiadou e Schäfer (2006). No caso da ocorrência do primeiro tipo de causativo, o VoiceP carrega traços [+ arg. externo] permitindo a ocorrência expressa do mesmo. Os vPs projetados em ambos os tipos são do “sabor” vCause¹⁸, sendo defectivos no traço agentivo [- agentivo], o que permite a projeção das causativas.

3.3.3. Os Verbos leves

Diversas estruturas descritas nos trabalhos dos pesquisadores do SIL não se adequam às teorias linguísticas recentes. Por exemplo, a ocorrência dos verbos *ni* e *hi*, descritos como auxiliares em Chapman (1978) e Chapman e Derbyshire (1991) são bastante produtivos e podem ocorrer em três tipos principais de estruturas: a) verbo auxiliar *ni* + verbo de uma classe restrita; b) verbo auxiliar *hi* em construções passivas; c) verbo *hi* em subordinadas. Duarte-Borges (2022, 2023a) traz uma nova interpretação para estes auxiliares classificando-os como verbos leves. Observe os exemplos abaixo:

18. a) Ni-hi ‘ida gamo.
dizer-Mod dem mulher
“A mulher disse”
- b) vara ‘o-ni-na.
Conversa/papo 1sg-Leve-Mod
“Eu dou uma conversada”

¹⁷ Nesta proposta, o autor adota dois tipos de Voice: Voice_{AGENT}, que abarca traço [+ arg. Ext.] - o tradicional VoiceP nos termos de Kratzer (1996) e Pylkkänen (2002) -, e Voice_{CAUSE}, que abarca traços [- arg. ext] - nos termos de Pylkkänen (2002), seria o equivalente ao CauseP.

¹⁸ Segundo Folli & Harley (2005) e Harley (2008) os núcleos funcionais apresentam *sabores*, que caracteriza o feixe de traços que o verbo terá e suas propriedades de projeção. Em Duarte-Borges (2023b), os *sabores* adotados para o Paumarí são vCause, em estruturas causativas e vDo em estruturas agentivas.

(CHAPMAN, 1978, p.19 e 20, adaptado)

Em 18a) o verbo *ni* ocorre de maneira “plena”, ou seja, sua estrutura é simples e seu significado conceitua-se como o verbo “dizer”. Em 18b) por sua vez, o verbo *ni* funciona como núcleo de um predicado complexo, tomando como complemento o nome *vara* (conversa/papo).

3.3.4. Os Sufixos Modais

Todas as estruturas verbais em paumarí parecem ocorrer com um tipo de sufixos, chamados pelos pesquisadores do SIL de “terminais” ou “marginais”. Apesar de carecerem de análises apropriadas em trabalhos formais, adoto o termo “modal”, seguindo o padrão adotado por Vieira (2006). Em todos os exemplos exibidos nesta seção, pode-se observar sua ocorrência, e replico algumas abaixo:

19. a) Abini-’i-hi ida arakava-Ø. (exemplo 7)
 morrer-Asp-Mod.f Dem.f galinha-Abs
 “A galinha morreu. ”
- b) o-va-adara-ha ada isai. (exemplo 11b)
 1sg-aplA-viajar-mod.m dem.m menino
 “Eu viajei (com) o menino”
- d) Txina-ki hida café. (exemplo 14a)
 Doce-mod dem café
 “O café está doce”

Os exemplos acima apresentam os sufixos que ocorrem em contextos transitivos e afirmativos. Em 19a) o sufixo *-hi* concorda em gênero com o DP feminino que o acompanha; em 19b), *-ha* acompanha DPs masculinos; o sufixo *-ki* em 18c) não apresenta gênero. Segundo Chapman (1973) estes sufixos ocorrem em contextos sintáticos distintos e podem acarretar elemento pragmático-discursivos

intrínsecos, podendo ocorrer em orações afirmativas, interrogativas, hortativas, imperativas, dentre outras, com diferentes expressões fonológicas.

4. A ESTRUTURA DOS NOMINAIS EM PAUMARÍ

4.1. Preâmbulo

Os nominais em paumarí parecem apresentar diferentes configurações estruturais, conforme veremos no decorrer da presente seção. Para entender tais afirmações e seguir com a análise dos dados é importante salientar alguns elementos teóricos adotados como norteadores para o entendimento das nominalizações sob um viés construcionista de Gramática Gerativa. Em primeiro plano, adoto que as raízes são primitivos sintáticos com propriedades defectivas (Nóbrega, 2015) e necessitam ser categorizadas por um morfema categorizador da determinada categoria, como n (nome), v (verbo) ou a (adjetivo), segundo a *Assunção de Categorização* (Embick e Marantz, 2008) - ou mesmo entrarem em um contexto sintático para receberem sua categoria específica (Borer, 2003, 2005).

Para uma primeira observação analítica na língua, é preciso estabelecer uma separação entre os elementos cuja morfologia não esteja abertamente visível, isto é, os nomes, cuja expressão fonológica não transpareça nenhum tipo de marcação explícita de nominalização. É importante selecionar este tipo de ocorrência, pois, conforme já observado em outras línguas dentro de um panorama teórico construcionista de morfologia, ainda que não haja uma expressão aberta de um morfema, não significa que não haja a ocorrência deste morfema. Significa dizer, desse modo, que a não realização de uma morfofonologia em determinada palavra em paumarí não é evidência de que não haja a ocorrência de um nó funcional de certo tipo, seja ele aspecto, modo, tempo, etc. No caso dos nomes, por exemplo, é perfeitamente possível que haja nominais que não transpareçam fonologicamente a realização de algum sufixo, e que ele seja um Nominal Complexo, como observado na seção 2, nos exemplos em português com nomes em *-ção* em Sleeman e Brito (2010).

Dessa maneira, representarei a complexidade estrutural não pronunciada com a notação de um fonema \emptyset - descrito na glosa como v para verbos, e n para nomes - a ser realizado pós-sintaticamente em um morfema funcional não pronunciado. Adoto, portanto, uma visão mais clássica das primeiras versões da MD para melhor visibilidade dos dados na língua paumarí. Justamente por conta desta característica,

é importante entender as nuances de nomes sem nenhuma visibilidade sufixal na língua.

Outro ponto importante a destacar, na estrutura dos nominais aqui delineada, é que não mencionarei as projeções funcionais como NumP ou AgrP, importantes na expressão linguística de nominais (Alexiadou, 2001; Scher, 2004). Adoto simplesmente o rótulo FP, representando abstratamente as projeções. Isto se deve principalmente pela ausência de estudos relacionados à pluralização em paumarí e da falta de entendimento profundo do estatuto dos determinantes na língua. Como mencionado na seção 3, a língua não apresenta artigos, e a expressão da definitude é dada pelos demonstrativos ou por nominais nus.

Além disso, é importante destacar que, embora tenhamos apenas dados secundários em paumarí, no momento atual de análise, tentarei inferir algumas estruturas com base em pistas presentes nos dados coletados. Ainda não é claro como as estruturas nominais em paumarí são formadas, nem as mais simples. Apesar de os dados descritivos apresentarem alguns sufixos que seriam formadores de nomes derivados, não é suficientemente claro o modo como estes elementos atuam na estrutura dos elementos primitivos prévio, sejam eles raízes, nomes ou verbos. Os dados descritivos se apoiam em uma abordagem pautada em descrições tipológicas para o entendimento de primitivos, que se diferem de maneira contundente da abordagem construcionista, aqui delineada. A visão central dos trabalhos descritivos supõe que raízes/radicais possuem categoria intrínseca. De maneira distinta, pretendo reinterpretar vários dados presentes nestas descrições para uma melhor observação dos fenômenos analisados, sob à luz de fundamentações teóricas Construcionistas de Gramática Gerativa como a Morfologia Distribuída - em suas diversas versões, e o Modelo Exosquelético, adaptando suas nomenclaturas para um palavreado comum que defino no momento oportuno.

Para entender os tipos de nomes em paumarí, neste trabalho adoto dois tipos básicos de nominais, com base em sua morfologia: os Nominais simples e os Nominais complexos. Em relação aos nominais simples, a ideia central adotada é a de que a raiz é diretamente categorizada em um contexto sintático, sem complexidade estrutural prévia, similar à estrutura de Arad (2003) para o verbo/nome *hammer*, descrito na seção 2.

Por sua vez, os Nominais Complexos - neste caso, nomes deverbais -, se assemelham à estrutura do verbo *tape*, em Arad (2003), guardadas as devidas

distinções, tendo em vista que aqui trato de nomes deverbais, não verbos denominais. O ponto principal a se relevar é a natureza complexa do nome, tendo em vista sua relação prévia com um verbo anteriormente categorizado, nos moldes de Alexiadou (2001) e Borer (2003).

Portanto, o principal objetivo com esta análise é coletar os principais nomes e entender a origem destes nomes na língua paumarí e sua estrutura sintática mais geral. Dessa forma, propor uma classificação não envolvendo diferenças estruturais mais detalhadas, como as apresentadas em trabalhos descritos na seção 2, é de extrema importância para o nível atual de estudos e se faz necessária por diversas razões, dentre as quais, a disposição de material teórico de análise detalhada de aspectos sintáticos e morfológicos em paumarí ser ínfima, especialmente no que tange aos nomes.

Pretendo, porém, de maneira mais específica, utilizar os diversos trabalhos descritos na seção 2, em especial Alexiadou (2001), Sleeman e Brito (2010), como suporte para uma proposta mais específica dos nominais em paumarí, sempre que possível. Durante a discussão, procurarei expor alguns dados coletados na língua que possam apresentar alguma marca de evidência que os caracterizem como parte de determinado tipo de Nominal Complexo, como por exemplo, Nominal de Evento ou Nominal de Resultado, quando detalhadas as leituras denotadas por estes nominais. De fato, é um desafio localizar pistas de determinadas características em dados secundários, isto é, na impossibilidade de se averiguar gramaticalidades ou dados negativos.

Dito isto, esta análise não pretende esgotar as possibilidades de estudo dos nominais da língua. Sempre que possível, irei sugerir testes de aceitabilidade/gramaticalidade em sentenças produzidas por mim, com base no estado atual de conhecimento da língua, para um possível trabalho de campo ou coleta de dados com falantes nativos. Estes dados poderão servir de base para futuras análises mais aprofundadas para uma identificação e diferenciação dos tipos de nominais em paumarí, sejam eles, Nomes Simples, ou seja, categorizados diretamente da raiz em um contexto sintático; e os Nominais Complexos, ou seja, deverbais, recategorizados de uma contraparte verbal. Após este processo, se possível, pretendo analisar e enquadrar tais nominais em classes específicas, como Nominais de Entidade, Nominais de Resultado ou Nominais de Evento, com base nas leituras semânticas e nas estruturas que estes nomes possam apresentar.

4.2. Os nominais simples

Neste ponto da análise, explorarei alguns nomes comuns na língua, cujos exemplos vigoram em posições argumentais de sujeito ou objeto e são passíveis de receberem marcação de Caso, sejam eles de Caso acusativo (sufixo -ra), sejam Caso ergativo (sufixo -a) ou mesmo com marcação abstrata de Caso (\emptyset), para os Casos nominativo ou absolutivo. Observe os exemplos abaixo:

20. a) maravi- \emptyset -ra namonaha-hi ida mamai- \emptyset - \emptyset . (OVA)
 ventilador-n-acc fazer-mod dem mãe-n-Nom
 “Mamãe fez um ventilador.
- b) Koko- \emptyset -a bi-rakhai-ki ida siroi- \emptyset - \emptyset . (AVO)
 tio-n-erg 3sg-plantar-mod dem campo-n-Abs
 “O tio está plantando (n)o campo.”

Em 20a) os elementos nominais *maravi* (ventilador) e *mamai* (mamãe) recebem marcação de Caso acusativo (marcado pelo sufixo -ra) e Caso Nominativo (sem marcação explícita), respectivamente; por sua vez, os elementos *koko* (tio) e *siroi* (campo) em b), que recebem Caso ergativo (marcado com sufixo -a) e Absolutivo (sem marcação explícita), respectivamente. Segundo os trabalhos dos pesquisadores do SIL, estes elementos são identificados como nomes¹⁹ pelo fato de serem passíveis de receberem marcação sufixal de Caso, se apresentando em posição argumental, além de terem propriedades de gênero (masculino/feminino), propriedades de posse (alienáveis/inalienáveis), de classe (ka/não-ka), além de fazerem referência a algo no mundo, seja concreto ou abstrato, como descrito na seção 3. Como a abordagem adotada pelos autores aproxima-se de trabalhos de cunho tipológico, os elementos primitivos precisam pertencer a alguma categoria específica, nestes casos específicos, à categoria dos nomes.

Nesta minha abordagem, a maior parte destes exemplos de ocorrências serão tratados como nomes advindos de uma categorização/inserção direta da raiz em um

¹⁹ Como alguns dos trabalhos mais recentes dos pesquisadores do SIL são em português, há a adoção da nomenclatura *substantivo*, como em Salzer & Chapman (1997); nos trabalhos anteriores produzidos em inglês, todos os nomes são designados como *noun*. Adoto neste trabalho o termo *nome/nominal*, apenas.

contexto sintático nominal, como os nomes em posição argumental exemplificados em 20. Ainda que não apresente de maneira clara as motivações para tal decisão, em primeiro momento, parto deste postulado, e no decorrer da discussão apresento contrastes com outros nominais para reforçar tais motivações. Portanto, estes nominais são de estrutura simples categorizados da raiz, com uma estrutura representada a seguir:

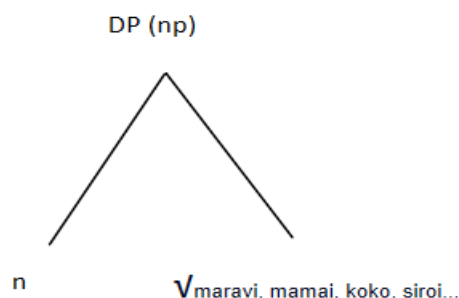


Figura 2: Nominais de Entidade em Paumarí (fonte: elaboração própria)

De forma mais específica, parece-me natural identificar tais nominais como de *Entidade*, tendo em vista sua simplicidade morfológica e referência direta com elementos do mundo. Não parece haver processos de nominalizações envolvidos em sua estrutura sintática e morfológica. Esta representação segue os moldes da abordagem utilizada por Sleeman e Brito (2010), Aquino (2021) e Melo (2023) para a classificação de Nominais de Entidade, ou seja, aqueles que não tem nem a presença de um vP, nem de AspP em sua derivação interna. Seria o entendido em momentos mais clássicos da teoria gerativa como nomes primitivos, advindos do léxico. Ao serem inseridas na sintaxe, essas raízes são categorizadas por um núcleo funcional categorizador n, sem expressão fonológica, assim como em inglês em nomes simples como os nomes *hammer* e *tape* em Arad (2003).

4.3. O Nominais com sufixo *-hi* em CVLs-*hi*

Um dos tipos CVLs analisados em Duarte-Borges (2022) é formado por um nominal com marcação sufixal *hi* + verbo leve *hi*. Este predicado complexo foi uma reinterpretação do que os pesquisadores do SIL chamavam de construção passiva. Observemos um exemplo destas CVLs:

21. a) Ni-o-noki-ki ida isai anana-Ø-hi hi-'i-ni.²⁰
 Neg-1sg-ver-Mod dem criança mordida-v-n leve-Asp:imperf-Mod
 “Eu não vi a criança levar uma mordida.”

(Chapman e Derbyshire, 1991, p. 181, adaptado)

O nome *anana-Ø-hi* (‘mordida’) aparece como complemento do verbo leve *hi*, com a tradução adaptada por Duarte-Borges (2022) de verbo leve, como em uma CVL do português. Chamarei este CVL de CVL-*hi* e assim como citado em trabalhos como Scher (2004) se comporta como uma estrutura monoargumental, como um verbo inacusativo.

Para começo de discussão, tomemos como verdade que a estrutura dos nominais exemplificados tem uma estrutura complexa. Qual seria a motivação para tal afirmação?

Em primeiro lugar, esta motivação parece natural por uma característica intrínseca às CVLs. Para Scher (2004), quando analisadas translinguisticamente, o complemento tomado pelos verbos leves para formar o predicado complexo pode ser de natureza verbal (V+V.leve), porém em grande parte dos dados analisados é de natureza nominal (N+V.leve); neste último caso, o nome é deverbal e denota a eventualidade da sentença. Observemos as CVLs abaixo em português:

22.

- a) A Maria deu um beijo no João.
 b) A Maria deu uma garrafada na cabeça do ladrão.

(Scher, 2004, p. 28 e 136)

No caso exemplificado em 22a), o nome *beijo* é uma nominalização deverbal do verbo *beijar* que participa de uma estrutura de eventos dentro do predicado

²⁰ Um detalhe interessante a se notar é a possibilidade de ocorrência de duas sequências fonológicas *hi* em fronteiras de palavras distintas, porém sem a assimilação de uma delas. Como não é o foco deste trabalho, deixo em aberto à possibilidade de estudos dos fenômenos fonológicos em paumarí em que estes exemplos ocorrem.

complexo que é a CVL. Neste cenário, o nome é derivado por uma recategorização verbal e pode herdar a estrutura argumental e de eventos, por conta do tipo de estrutura sintática pertencente à primeira categorização, a verbal. Uma verificação do nome complexo fora da CVLs poderia ser sugerida em uma sentença como “O beijo da Maria no João (...)”, com a possibilidade de licenciamento de argumentos.

Em 22b), o nome *garrafada* também seria uma formação complexa com interpretação de eventos. Esta estrutura deverbal, porém, passaria por uma instância verbal não disponível foneticamente (*garrafar* não possível, apenas *engarrafar*), antes de receber a nominalização em *-ada* (Scher, 2004).

Parece que as estruturas ocorrem de maneira similar em paumarí. Proponho assim, que neste tipo de nominal da língua, formado pelo complexo ‘NP-ni + VP (*hi*)’, tenha uma passagem anterior por uma categorização verbal, uma novidade ao inicialmente proposto em Duarte-Borges (2022)²¹. Partindo de uma proposta de nominal deverbal, recorro ao analisado e sugerido inicialmente em Alexiadou (2001) e desenvolvido em Sleeman e Brito (2010). Para verificar a existência de um nominal complexo, seja Nominal com leitura de Evento, seja Nominal com leitura de Resultado, é necessário ter projetado em sua estrutura interna um vP que carrega propriedades de agentividade - [+/-agentivo] -, e um AspP, que abarca traços de resultado - [+/-resultado]. Observando a estrutura exemplificada em 21, a CVL apresenta um sufixo aspectual, marcado pelo sufixo *-i*, o que é uma evidência definitiva para a projeção de um nó como AspP. Dentre as possibilidades de marcação aspectual que a língua paumarí, a marcação sufixal é uma das mais produtivas e esta ocorrência sempre se dá concatenada a um verbo, nunca a um nome. Ainda assim, parece bastante provável que um nominal que seja parte de uma predicação como uma CVL projete uma camada aspectual, mesmo que o sufixo esteja abertamente visível com o verbo leve em si. Diversos dos trabalhos apresentados, em especial o de Scher (2004) propõem que o nominal complexo dentro da CVL contribua com a predicação neste sentido, como as leituras que a autora define como “diminutivizadas” em casos como:

²¹ Duarte-Borges (2022), por mais que seja um estudo focado nas CVLs da língua, há uma proposta preliminar acerca da nomes dos elementos que complementam a estrutura, porém sem especificar o tipo e a complexidade destes nominais.

23.

- a) O copo deu uma quebradinha aí em cima. Cuidado com a boca!
 b) Vou dar duas lidinhas rápidas no texto.

(Scher, 2004, p. 186 e 158)

Para ilustrar mais um exemplo de nominal complexo com leitura de evento em CVLs, em paumarí, observe abaixo:

24. oba-Ø-hi hi-'iana-hi ida Kasai mina'di-a.
 choque/corte-v-n leve-Asp.iter-Mod dem Kasai poraquê-Obl
 "Kasai levou um choque do poraquê."

(CHAPMAN e DERBYSHIRE, 1991, p. 181, adaptado)

No exemplo em 24 é observada a nominalização deverbal complexa para o nome *oba-Ø-hi* (choque/corte), em uma estrutura com o verbo leve *hi*. Mais uma vez, é possível verificar a ocorrência de um sufixo aspectual na estrutura, com o sufixo iterativo *-'iana*, evidenciando a ocorrência do nó AspP.

Se, por ventura, decidirmos seguir por uma abordagem de deverbais como a de Borer (2003), que postula que todos os nomes deverbais necessitam ter uma instância verbal prévia fonologicamente presente na língua, tanto o Nominal Complexo *anana-Ø-hi*, exemplificado em 21, quanto *oba-Ø-hi* exemplificado em 24 parecem cumprir este requisito:

25.

- a) mafo ho-ra anana-Ø-ha-'i-hi.
 formigas 1Sg-acc morder-v-Ag-Asp-mod
 "As formigas me mordiam"

- b) mamai-a bi-n-oba-Ø-hi²² ida ava-pa'itxi.
 mãe-Erg 3sg-causa-cortar-v-mod dem árvore-pequena

²² É importante que não confundamos o *hi*, modal, presente nesta sentença, com outros *hi*, como o verbo leve e o nominalizador, mencionados nesta discussão. Uma pequena discussão dos modais foi apresentada na seção 3.

“A mamãe cortou a pequena árvore”

(Chapman e Derbyshire, 1991, p. 183 e 251, adaptado)

Tanto em 25a) com raiz \sqrt{ANANA} , quanto em 25b) com raiz \sqrt{OBA} temos um contexto verbal de categorização com expressão fonológica $/\emptyset/$. Para justificar tal notação de vezinho (v) - incluída por mim, não há tal notação nos trabalhos do SIL - há a presença de sufixos modais, ambos os casos representados por *-hi*, que ocorrem apenas concatenados a verbos; em 25b) podemos observar a expressão de concordância de terceira pessoa pelo prefixo *bi-*, com sentença da ordem AVO ergativa-absolutiva, o que não ocorre em 25a), devido à ordem AOV nominativa-acusativa, como descrito na seção 3; além disso, a presença do morfema causativo em 25b), prefixo *n-*, que licencia um novo argumento, o sujeito causador *mamai*; em 25a) o licenciamento do sujeito agentivo *mafo* (formigas) é realizado pelo agentivizador *-ha*; nesta sentença nota-se, mais uma vez, a presença do sufixo aspectual imperfectivo *-í*. Todos esses afixos, de modo geral, são aplicáveis apenas em contextos verbais em paumarí. Parece razoável predizer que estes verbos sejam formados por uma categorização direta da raiz no contexto verbal e, em um momento posterior de derivação, haja uma recategorização dos nominais *anana- \emptyset -hi* (mordida) e *oba- \emptyset -hi* (corte/choque). Portanto, a proposta aqui delineada classifica estes nomes como Nominais complexos, deverbais do tipo Nominal Eventivo seguindo as classificações dos autores citados.

A estrutura básica proposta para este tipo de nominal está representada abaixo²³:

²³ Optei por fazer uma representação básica do tipo de nominal sem incluir estruturas como NumP, AgreeP ou desmembramentos detalhados do vP da CVL ou projeções acima. A ideia central é demonstrar a derivação do nominal complexo denominal usando o nome *obahi* como exemplo.

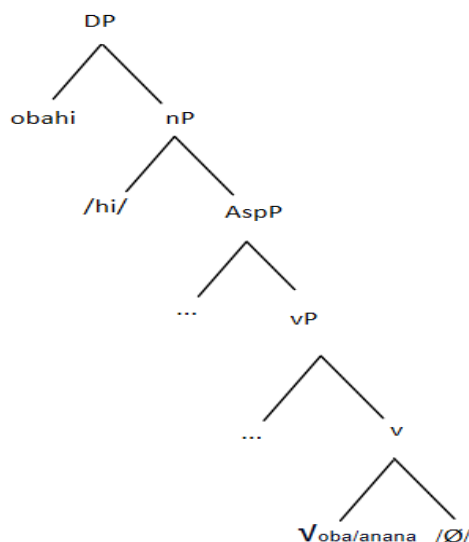


Figura 3: Nominais de Evento em CVL *hi*, em Paumarí
(fonte: elaboração própria)

A contribuição que realizo nesta monografia em relação à descrição preliminar dada aos nominal de CVLs em Duarte-Borges (2022) é a de incluir uma camada verbal e suas projeções vP e AspP na estrutura interna da categorização nominal, como representado na estrutura arbórea da Figura 3. Mais detalhes desta proposta serão discutidos na subseção 4.7, quando for realizada a análise de um outro tipo de nominal, inserido em uma CVL com verbo leve *ni*

4.4. Nominais Complexos com sufixo *-hi* e prefixo genitivo

Um outro exemplo bastante comum e produtivo de nominais na língua são os nominais com sufixação *-hi*, ocorrendo fora de um predicado como o das CVLs. Da mesma maneira que os nominais observados nas CVLs da subseção anterior, a ocorrência destes parece como um Nominal Complexo, deverbal. Observemos os exemplos abaixo:

26.

- a) Akadi-oba-Ø-hi
1PI.Poss-corte-v-n
“Nosso corte...”

- b) kodi-rokhoja-Ø-hi
1Sg.Poss-costura-v-n
“Minha costura”
- c) kodi-‘ojomo’i-Ø-hi (...)
1Sg.poss-aprendizado-v-n
“Meu aprendizado...”

(Chapman e Derbyshire, 1991, p. 265 e 233, adaptado)

Nos exemplos em 26, procurei demonstrar a estrutura dos nominais com sufixo *-hi* de maneira isolada (sem maiores contextos), e com a notação de camada verbal já inclusa. É interessante observar em praticamente todos os nominais deste tipo disponíveis nos documentos dos pesquisadores do SIL, a onipresença do prefixo de posse/genitivo (alienável). Em 26a), mais uma vez temos a presença da raiz *oba* (corte/choque), assim como nos exemplos da subseção anterior; aqui, porém, em ocorrência isolada de um predicado como a CVL. Esta ocorrência parece reiterar a natureza possivelmente complexa e eventiva dos nominais estudados dentro de CVLs. Além disso, este prefixo de posse, presente em todos os nominais exemplificados em 26, parece ser uma pista bastante interessante da natureza complexa destes nominais, por conta de um possível argumento herdado.

Seguindo, mais uma vez, a proposta de Sleeman e Brito (2010), estes nominais parecem especificamente se encaixar na classe nominais “mais verbais”, ou seja, de Evento, assim como a discussão realizada para as CVLs na subseção anterior: a presença de um argumento obrigatório, herdado de sua contraparte verbal, como o prefixo de posse (genitivo) parece reforçar esta classificação; este prefixo parece estar presente em todos os casos observados nesta estrutura nos dados coletados dos pesquisadores do SIL.

De fato, se esta predição estiver correta, a presença do possessivo (genitivo) obrigatório implica que haja um *v* incapaz de assinalar Caso acusativo, seguindo a proposta de Alexiadou (2001), consonante com a Generalização de Burzio (1986). Portanto, temos um nominal com comportamento de um verbo inacusativo, reafirmando as interpretações realizadas na subseção anterior acerca da natureza monoargumental das CVLs.

A verificação da (im)possibilidade de atribuição/checagem de Caso de nominais em paumarí não é uma tarefa simples, partindo da base de dados descritivos que temos à disposição. Obviamente, isto nos impossibilita de realizar qualquer teste com dados negativos. Por outro lado, a língua paumarí apresenta uma realização de Caso acusativo de maneira visível, por meio do sufixo *-ra*, como descrito na seção 3. Apesar de não encontrar dados destes nominais acompanhados de argumentos marcados explicitamente com este sufixo, a sugestão que posso levantar para coletas futuras é sobre a possibilidade de ocorrência de uma estrutura do tipo a seguir:

27. bada-ra 'ojomo'i-hi...
 trabalho-Acc aprendizado-n...
 "O aprendizado do trabalho"

Esses e outros exemplos podem ser melhor formulados. A ideia é forçar uma marcação de Caso Acusativo, bastante comum em ordem AOV, seja em argumentos de terceira pessoa como *bada* (trabalho), seja em pronomes de primeira pessoa como *ho* ou segunda pessoa como *i*, mas nunca em prefixos pessoais ou de genitivos/posse.

Ademais, segundo a definição de Alexiadou (2001) e reafirmado por Sleeman e Brito (2010), os nominais da classe 'mais verbal', apesar de apresentarem um vP com traço [+agentivo], não podem projetar um núcleo VoiceP para o argumento agente herdado; o agente é licenciado por um PP *by-phrase* / *of-phrase*. Em paumarí o que chamamos de *by-phrase/of-phrase* agentivo pode ser adaptado para um nome com marcação sufixal *-a* oblíquo, ou possivelmente em um aplicativo, ainda que não sejam comuns aplicativos na língua denotando agentividade. É necessário realizar outros testes para entender qual tipo de leitura licenciariam os potenciais argumentos dos nominais, para compreender em qual ponto da derivação verbal que os nominais seriam derivados, tendo em vista a possibilidade de os verbos na língua também licenciarem causativos.

4.5. Nomes complexos com sufixo -i e -Ø

Assim como os nominais complexos antes discutidos, há a possibilidade de observar estruturas similares de nominalização com outros sufixos, como os marcados com sufixo *-i*, sejam os sem marcação expressa (-Ø). Estas nominalizações não parecem tão produtivas quanto às anteriores e podem ocorrer em verbos como *kana* (banhar) e *soko* (lavar) – com sufixo *-i* -, e *asara* (chorar) - sem marcação expressa. Da mesma maneira que analisei nos nominais com *-hi* (+ prefixo possessivo), estes exemplos parecem também se adequar às características de Nominal Complexos, sobretudo a uma estrutura de Nominal de Eventos. Observemos as sentenças abaixo:

28.

- a) kodi-kana-Ø-i naothinia, o-vadi-'i-hi
 1Sg.Poss-Banho-v-n depois 1sg-sono-asp.imperf-mod
 “Depois do meu banho, eu dormi.”
- b) Kodi-soko-Ø-i (...)
 1Sg.poss-lavagem-v-n
 “Minha lavagem...”
- c) bi-ka-mitha-Ø-'i-hi ida kodi-asara-Ø-Ø
 3Sg-apl-escutar-Asp.perf-mod dem 1Sg.poss-choro-v-n
 “Ele escutou meu choro”.

(Chapman e Derbyshire, 1991, p. 264 e 240, adaptado)

A expressão de tempo em paumarí não é gramaticalizada em um afixo, porém a ideia de momento do evento na linha do tempo pode ser distinguida devido à presença de algumas partículas adverbiais ou aspectuais. Sobretudo, em uma sequência de eventos em uma linha temporal, como é o caso de 28a), expresso por *naothinia* (depois). Outras partículas podem surgir com mesmo efeito, segundo Chapman e Derbyshire (1991), tais quais *kaba'i* (enquanto), *oadani* (durante) e *viahania* (depois) e *kamahini* (quando).

Na sentença em 28a) especificamente, o advérbio *naothinia* parece estar no escopo do nominal, tendo em vista a estrutura básica da língua. A possibilidade de

ocorrência como complemento de uma partícula temporal reforça a ideia de que *kana-Ø-i* (banho) é um nominal deverbal do tipo “mais verbal”, de Evento, seguindo proposta de Sleeman e Brito (2010), ou seja, projetando um AspP.

Adicionalmente, com as mesmas motivações discutidas na subseção 4.4., os nominais dos exemplos em 28 apresentam ocorrência obrigatória de *by/of-phrase*, por meio do prefixo de posse/genitivo (alienável) de primeira pessoa *kodi-*, seja com nominal *kanai* (banho), em 29a); seja em 29b) com *sokoi* (lavagem) ou 29c) com *asara* (choro), o que reforça a produtividade e regularidade das estruturas discutidas.

Portanto, seguindo esta lógica proposta, os nominais parecem ser deverbais e com leitura eventiva, como já marcado pela notação v com /Ø/, herdando as projeções estruturais que caracterizam sua contraparte verbal, como vP e AspP. Para uma melhor demonstração, segue um exemplo da ocorrência dos respectivos verbos de origem, reforçando ainda as predições de Borer (2003):

29.

- a) O-kana-Ø-na.
1Sg-banhar-v-mod
“Eu estou tomando banho.”
- b) Mamai-a bi-soko-Ø-ki ida makari.
Mãe-Erg 3Sg-lavar-v-mod dem roupa
“Mamãe lavou a roupa.”
- c) asara-Ø-ha’oadaha-hi ida Linda.
Chorar-v-Asp:continuamente-mod dem Linda

(Chapman e Derbyshire, 1991, p. 264, 298 e 322, adaptado)

Não pretendo entrar em maiores discussões acerca de fenômenos morfofonológicos envolvidos nestas nominalizações, porém, sugiro, devido às regularidades das características demonstradas nas nominalizações com sufixo *-i* e *-Ø* em relação ao sufixo *-hi*, e o número, aparentemente, restrito de ocorrências de nominais com estas marcações, em contraposição ao *-hi*, que *-i* e *-Ø* sejam alofones de *-hi*, ou seja, o mesmo sufixo.

proposta de serem nominais deverbiais, os nominais com a marcação *ni*, apresentam a marcação também em sua contraparte verbal. Vejamos os exemplos para clarificar:

31.

a) o-na-bada-ni-ha ada abaisana.

1sg-Caus-trabalhar-ni-mod dem peixe

“Eu estou preparando o peixe.” (=lit. “trabalhando o peixe”)

b) ho-ra va-ka-na-vara-ni-ha-vini vara-ni jahariki-a

1Sg-acc 3Pl-Apl-Caus-fofocar-ni-Ag-mod conversa ruim-obl

“Eles estavam fazendo fofoca sobre mim (lit= conversando conversas ruins).”

Em 31a) a o verbo ‘trabalhar’ (com interpretação de ‘preparar/cozinhar’) é expresso por *badani*. Da mesma maneira, em 31b) o verbo ‘conversar/fofocar’ é expresso por *varani*, que coocorre com argumento nominal cognato, o nominal *varani* (desta vez sem genitivo expresso).

Como interpretar a estrutura deste nominal? Estamos diante de um nome deverbal, como os outros exemplificados, ou a recategorização se faz justamente da parte verbal, ou seja, um verbo denominal advindo do nome correspondente?

A proposta que sugiro para estes nominais é a mesma realizada para os nomes até aqui estudados: nominais como ‘badani’ (trabalho) e ‘varani’ (papo), analisados em 30, apresentam a mesma estrutura complexa que os nominais em *-hi*. São, portanto, deverbiais de verbos correspondentes. Porém há uma diferença em sua derivação. Esses nominais não são expressos pelo sufixo *-ni*, como descrevem os pesquisadores do SIL. Em minha proposta, a expressão de nominalização destes é \emptyset . Os nominais exemplificados em 30, portanto, são formados dos verbos correspondentes, como os expressos em 31. O ponto da derivação destes nominais é após a concatenação de *ni* aos verbos correspondentes. Porém, como esta proposta pode se sustentar, tendo em vista o sufixo *ni* não ser um núcleo capaz de fechar uma fase da derivação (Marantz, 2007)? A minha sugestão, seguindo (em parte) a proposta Duarte-Borges (2023a) com base no estudo realizado por Nóbrega (2020), é de que *bada+ni/vara+ni* verbal (31) tenha uma formação similar à um composto. Ou seja, a formação se dá no seguinte modo: $\sqrt{BADA+v} + \sqrt{NI+v}$. A

interpretação idiomática em 31a) de ‘preparar/cozinhar’ e 31b) de ‘fofoca’ pode ser uma contribuição do verbo *ni*, que, em sua forma plena, significa ‘dizer’, como demonstrado abaixo:

32. Ni-hi ‘ida ’gamo.
 Dizer-mod dem mulher
 “A mulher disse.”

Assim, a ocorrência do verbo *badani* se dá pela concatenação da raiz $\sqrt{\text{BADA}}$ e da raiz $\sqrt{\text{NI}}$ a um morfema categorizador *v*, de forma independente; estes dois verbos estabelecem uma relação por meio do Relacionador(R)²⁴, que proporciona a interpretação especial à estrutura e projeta os nós sintáticos correspondentes a apenas um verbo; após isso é que os nominais são concatenados, como podemos ver na representação a seguir:

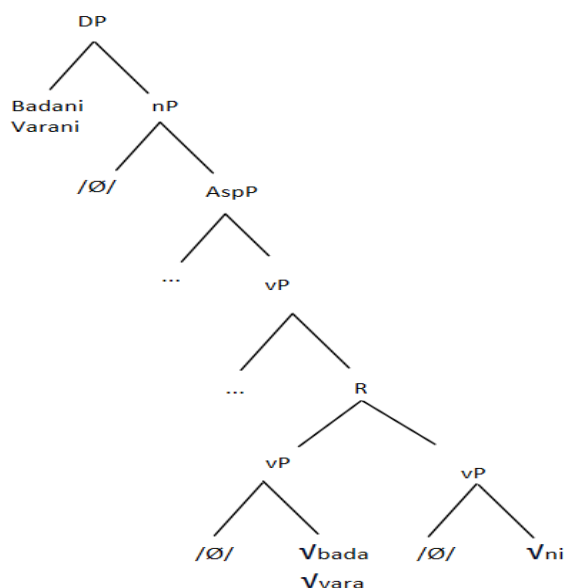


Figura 4: Estrutura de Nominais como badani e varani
 (fonte: elaboração própria)

²⁴ Relacionador é o elemento sintático que determina o tipo de relação que os dois elementos selecionados estabelecerão (atributivo, coordenação, subordinação). Mais informações, Nóbrega (2020).

O Relacionador une os dois elementos e só após isso fecha uma fase sintática e estabelece a interação com as interfaces PF e LF; desse modo interpretação idiomática é dada com contribuição dos dois verbos.

Portanto, a vantagem desta proposta para nominais é a de interpretar de maneira mais unificada todos os nominais sufixais da língua como *-hi*, *-i* e *-∅*. Deste modo, há uma ampliação da produtividade dos nominais complexos com *-∅*, discutidos na subseção 4.5., como *asara-∅* (choro).

Porém, ainda temos um problema para lidar com os nominais em CVLs-ni, que se relacionam diretamente com os desta seção, como *bada*, *vara*, *tootoo*, etc. mas não apresentam marcação sufixal expressa.

4.7. O Nominais com sufixo *-∅* em CVLs-ni

Apresento agora outro tipo de nominal que não transparece fonologia afixal e ocorre também dentro de uma Construção com Verbo Leve. Diferentemente dos exemplos da subseção 4.3. nos dados em 21 com o verbo leve *hi*, o nominal, agora demonstrado, é realizado sem marcação expressa (*-∅*) e está inserido em uma CVL com verbo *ni*. Exemplos dessa ocorrência podem ser visualizados abaixo:

33.

- a) Bada-∅ o-ni-na.
Trabalho-n 1Sg-leve-v-mod
“Eu faço o trabalho.”
- b) Tootoo-∅ bi-ka-ni-‘a-‘i-hi ida bakatha.
Bater-n 3sg-Apl-aux-Apl-Asp-Mod dem porta
“Ele deu uma batida na porta. ”

(CHAPMAN e DERBYSHIRE, 1991, p.165, adaptado)

Este é o tipo de CVL em paumarí que chamarei aqui de CVL-ni, diferindo-se dos nominais estudados da subseção 4.3. Inicialmente, nos trabalhos dos pesquisadores do SIL, este tipo de estrutura é classificado como ‘verbo *bada/tootoo* + verbo auxiliar *ni*’. Em trabalho realizado por Duarte-Borges (2022), a reinterpretção

desta estrutura é uma Construção de Verbo Leve, em que o verbo leve *ni* toma o nome *bada* como complemento em um predicado complexo, formando a estrutura demonstrada. Segundo a discussão realizada no trabalho citado, nos exemplos em 33, as raízes $\sqrt{\text{BADA}}$ e $\sqrt{\text{TOOTOO}}$ são categorizadas por um enezinho (cujo expoente fonológico é \emptyset) e tomadas pelo verbo leve *ni*. A diferença entra as estruturas em 33a) e 33b) se dá pelo número de argumentos. Na estrutura em 33b) há o licenciamento de um segundo argumento, um objeto aplicativo '*ida bakatha*' ('a porta') com papel de alvo, realizado pelo núcleo funcional aplicativo -'a, como descrito por Vieira (2006) e explicado na seção 2. Diversos outros exemplos de nomes podem ser encontrados nesse tipo com CVL-*ni*, além de *bada* (trabalho) e *tootoo* (batida): *vara* (papo/conversa/fofoca), *mitha* (escuta), *daró* (torto), dentre outros.

Esta sentença é a mais simples que pode ser encontrada na língua em relação às CVLs, pois apresenta uma estrutura similar a verbos monoargumentais. Duarte-Borges (2022) desconsiderou, porém, a complexidade estrutural que um nominal inserido em uma CVL pode carregar. Observemos a sentença abaixo com uma CVL *vara* + verbo leve *ni* :

34.

kha-'i-na	kamahini	vara- \emptyset	o-ni-'a-'a-ha
Ir-Asp.imperf-mod	quando:fut	fala-n	1Sg-Apl-Asp.perf-mod

“Quando ele vier, eu levarei um papo com ele.”

(CHAPMAN e DERBYSHIRE, 1991, p. 228, adaptado)

No exemplo selecionado em 34, o verbo leve *ni* forma um predicado complexo com seu complemento nominalizado *vara* (*fala/papo*) e recebem assim um modificador aspectual perfectivo por meio do sufixo -'a. É neste ponto que o trabalho de Duarte-Borges é incompleto: o nominal (sem expressão fonológica), inserido na CVL com verbo *ni*, não pode ser uma categorização direta da raiz, pois necessita de uma complexidade estrutural semelhante à de nomes complexos deverbais, de acordo com as propostas seguidas.

A expressão do sufixo aspectual -'a parece ser uma evidência suficiente para a presença de um nó AspP no domínio do predicado; da mesma maneira, para a estrutura inteira, sendo subordinada, pareceria razoável interpretar que uma partícula

como o advérbio *kamahini* (quando) - que indica uma extensão temporal - , ocorrendo em uma estrutura encadeada de eventos e implicando assim no tipo de nominal denotado pelo nome *vara*? Baseado na ordem canônica das sentenças da língua, creio que não. O advérbio não parece estar no escopo da eventualidade denotada pela CVL (um exemplo mais específico de advérbios no escopo de uma nominalização foram mostradas na subseção 4.5., exemplo 28). Porém, o sufixo com traço de perfectividade presente no predicado leve parece ser evidência suficiente de sua natureza eventiva, um reforço para uma proposta de Alexiadou (2001) e Sleeman e Brito (2010).

Temos um problema a partir daqui. Como entender a complexidade estrutural de um nominal como *bada-Ø* ou *vara-Ø* se, como vimos na subseção anterior, eles não formados de *badani-Ø* e *varani-Ø*? Será que ambas podem ser caracterizadas pelo mesmo tipo de nominal complexo?

Propomos desde já, que estes nominais são deverbais, complexos e eventivos. Para entender isto precisamos entender o ponto da derivação que estes nominais são formados e se diferenciam dos verbos compostos com *ni*, tais quais *badani* e *varani*.

Diferentemente da proposta de Duarte-Borges (2022) não podemos incluir nominais simples, de Entidade, como complemento de uma CVL. Como observamos, há projeção vP e AspP nestes nominais, o que impediria tal predição. Para proposta aqui delineada, os nominais inseridos em CVLs precisam ser complexos. Por isto, diferentemente da proposta realizada na subseção 4.6., os nominais nas CVL-*ni* têm a sua formação realizada em um ponto da derivação verbal distinto de nominais complexos como *badani-Ø* e *varani-Ø*. Enquanto estes nominais são nominalização dos compostos *bada* (trabalho)/*vara* (papo) + *ni* (dizer), os nominais em CVLs formam-se diretamente dos verbos categorizados *bada* e *vara*, com a seguinte representação:

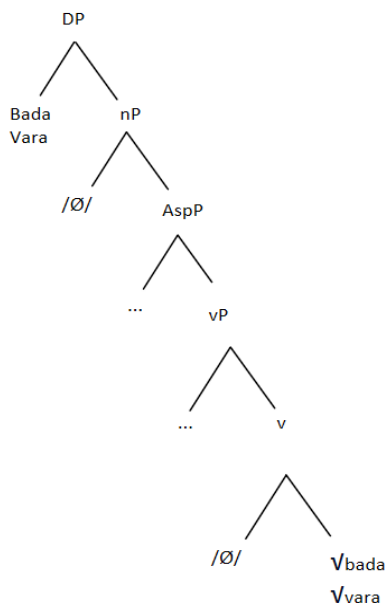


Figura 5: Estrutura de nominais em CVL-ni
(Fonte: criação própria)

Estes nominais são deverbais, portanto, formados do verbo correspondente com expressão categorial v / \emptyset /; logo após são recategorizados com / \emptyset / para os contextos nominais herdando vP e $AspP$. Para evidenciar essa possibilidade de ocorrência de bada verbal sem *ni*, observemos uma sentença de raiz reduplicada com *bada*:

35. o-bada-bada-ja
1Sg-trabalhar-v-redup-mod
“Eu trabalho rapidamente”

(Chapman e Derbyshire, 1991, p. 336, adaptado)

A reduplicação é uma estratégia bastante produtiva na língua, podendo funcionar como pluralizador em DPs e modificador de aspecto em VPs. No caso de verbos, parece uma estratégia interessante para verbos intransitivos modificarem o aspecto, tendo em vista que os sufixos aspectuais são mais frequentes em verbos de estrutura transitiva. A reduplicação parece ser projetada no nó $AspP$, após a categorização verbal, com \emptyset .

Uma proposta interessante para coletas primárias seria a realização de sufixos aspectuais em estruturas intransitivas, assim como a realização de reduplicações em nominais inseridos em CVL-ni. Algo como os exemplos abaixo:

36.

- a) ? o-bada-‘iana-ja
 1Sg-trabalhar-asp.iterativo-mod
 “Eu trabalho de novo”
- b) ? bada-bada o-ni-na
 Trabalhar-redup 1Sg-leve-mod
 “Eu faço trabalho rapidamente.”

4.8. Diferenças entre nominais de CVL-hi e CVL-ni

A proposta aqui delineada será a diferença entre os nominais com sufixo *-hi* em predicação com verbo leve *hi*, explicados na subseção 4.3. (chamarei aqui de CVL-hi), e os nominais com sufixo \emptyset em predicação com verbo leve *ni* (chamarei aqui de CVL-ni).

Para entendermos a diferença e propormos alguma solução precisamos recorrer mais uma vez às propostas de Sleeman e Brito (2010). Nas CVLs-hi é possível observar a presença de um sujeito com papel paciente/tema do evento denotado pelo predicado complexo; por sua vez, nas CVLs-ni os argumentos existentes parecem denotar papel de agente/originador da eventualidade. Retomemos um exemplo de cada estrutura para melhor visualização:

37.

- a) oba- \emptyset -hi hi-‘iana-hi ida Kasai mina’di-a. (CVL-hi)
 choque/corte-v-n leve-Asp.iter-Mod dem Kasai poraquê-Obl
 “Kasai levou um choque do poraquê.”

(Replicado do exemplo 24, desta Monografia)

b) Bada-Ø-Ø o-ni-na. (CVL-ni)

Trabalho-v-n 1Sg-leve-v-mod

“Eu faço o trabalho.”

(Replicado do exemplo 33a, desta Monografia)

Em ambos os casos demonstrados, é observável a presença de nós como vP e AspP, por diversas razões discutidas no curso deste trabalho. Recorrendo às propostas de Alexiadou (2001) e Sleeman e Brito (2010), delineadas na seção 2, vemos que a projeção de vP é o *locus* da agentividade e da eventualidade e está atrelada a traços [+/- agentivos]. Dessa forma, os nominais complexos em CVLs em paumarí podem evidenciar as ocorrências dos tipos de traços baseados em sua projeção de vP : os do tipo ‘CVL-hi’ em 34a) seriam “mais verbais” [+ agentivo]; em 34b) os nominais em CVL-ni seriam “menos verbais” [-agentivo]. Para delinear tal proposta, a evidência que considero aqui a presença do PP agentivo, *mina’di* (poraquê). Não considero os sujeitos que aparecem nas sentenças como pertencentes ao escopo na nominalização; assim, os sujeitos ‘ida Kasai’ em 34a) e o - (1sg) em 34b), considero como uma contribuição projetada pela estrutura do verbo leve, não do nominal que ele leva como complemento. Dessa forma, adequo a proposta à visão levantada por Sleeman e Brito (2010), de que nominalizações deverbais não projetam VoiceP em sua estrutura interna.

5. CONCLUSÃO

Esta monografia procurou entender o fenômeno dos nominais na língua paumarí. Dentro das limitações impostas pelos dados coletados de fontes secundárias, tentou-se explorar da melhor maneira possível os nomes que a língua exhibe. Pretendeu-se esboçar uma classificação geral com base nas características apresentadas pelos nominais, em especial na distinção entre Nominal Simples e Nominal Complexo. De modo mais específico, a análise debruçou-se sobre nuances aspectuais que os núcleos verbais da língua apresentam, em especial em sufixos aspectuais tais quais *-a* (perfectivo), *-i* (imperfectivo), *-iana* (iterativo), dentre outros, além de ocorrências de reduplicações de raízes que denotam interpretações aspectuais, como *bada-bada* (trabalhar rapidamente); ocorrências de advérbios de modificação temporal também foram observados, tendo em vista que a língua não gramaticaliza tempo em afixos.

Com estes achados, foi possível investigar a presença ou ausência de nós como vP e AspP - seguindo abordagens Construcionistas como a de Alexiadou (2001) - que estivessem influenciando a interpretação dos nominais, e que indicariam caminhos para a complexidade estrutural destes nominais. Outras abordagens foram seguidas também, como Borer (2003) e Scher (2004), Aquino (2021) e Melo (2021, 2023) além da utilização de traços dentro dos núcleos v e Asp baseados na abordagem de Sleeman e Brito (2010).

Através das investigações realizadas, foram propostas estrutura sem complexidade estrutural para nomes comuns da língua, como *maravi* (ventilador), *mamai* (mamãe) e *koko* (tio), que seriam tomadas direta da raiz acategorial e não apresentam sufixação expressa. Com relação ao que chamei de Nominais Complexos, foi proposta uma estrutura com projeções vP e AspP para os nominais realizados com o sufixo *-Ø* e *-hi*, tanto em posições argumentais, quanto inseridos em uma predicação com verbo leve *ni* e *hi* respectivamente; para o *-hi*, definiu-se que poderia ser passível de alofonias em determinados contextos, expressando itens fonológicos como *-i* e *-Ø*.

Por meio de uma revisão da literatura existente com referência em estudos de nominais no decorrer da história das teorias linguísticas de cunho gerativista, procurou-se trazer uma nova visão ao entender mais a fundo os elementos nominais

da língua indígena paumarí, contribuindo assim, para as teorias linguísticas e para a conservação de uma língua ameaçada de extinção. Por mais que o trabalho possa apresentar uma visão nova para os estudos da língua paumarí, entende-se que há muito caminho ainda por explorar e este apenas é um dos primeiros estudos relativos aos nominais da língua. Como passos futuros, pretende-se coletar novos dados de fontes primárias, com falantes nativos a língua, em especial, para realizar alguns dos testes sugeridos e delineados no decorrer desta monografia, além de perceber as nuances dos nominais no que se refere à possibilidades de expressão de agentes em PP com marcação -a de oblíquo e em aplicativos e verificação com falantes acerca das interpretações resultativas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEXIADOU, A. e SCHÄFER, F. *Instrument Subjects Are Agents or Causers*. Proceedings of the 25th West Coast Conference on Formal Linguistics, ed. Donald Baumer, David Montero, and Michael Scanlon, Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, p. 40-48, 2006.

AQUINO, R. N. M. Nomes deverbais do português do Brasil: Um estudo na interface sintaxe-semântica. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de Pós-graduação em Linguística, p. 155, 2021.

ARONOFF, M. Word formation in generative grammar. *Linguistic Inquiry Monographs*. Cambridge, Mass, n. 1, p. 1-134, 1976.

BORER, H. Exo-Skeletal vs. Endo-Skeletal Explanations: Syntactic Projections and the Lexicon. In. POLINSKY, M.; MOORE, J. (Eds.) *The nature of explanation in linguistic theory*. Standford: CSLI Publication, 2003.

BORER, H. Structuring sense. In *Name Only*. 1a ed. Nova Iorque: Oxford Univeristy Press, 2005.

BORER, H. Structuring sense. *Taking Form*. 1a ed. Nova Iorque: Oxford Univeristy Press, 2013.

BRAZ SOUZA, V. A classe dos adjetivos em paumarí e guarani. Apresentação em Jornada de iniciação científica - JIC 2017. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2017.

BRAZ SOUZA, V. Há adjetivos em Guarani, em Tupinambá e em Paumarí? Apresentação em Jornada de iniciação científica - JIC 2018. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2018.

BURZIO, L. *Italian Syntax. A Government-Binding Approach*. Dordrecht: Reidel, 1986.

CAMARGO SOUZA, Livia. Tripartite case marking and the nature of ergativity in Yawanawa (Pano). *AMERINDIA* 39(2): 265-293. Rutgers University. 2017.

CAMPOS, C. S. O. MORFOFONÊMICA E MORFOSSINTAXE DO MAXAKALÍ. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, p. 328, 2009.

CHAPMAN, S. e DERBYSHIRE, D. Paumari . In: Derbyshire e Pullum (orgs.), *Handbook of Amazonian Languages*. Berlim, Mouton de Gruyter, 1991.

CHAPMAN, S. Paumari derivational affixes. Brasília, SIL, 1978.

CHOMSKY, N. *Syntactic Structures*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1957.

- CHOMSKY, N. Aspects of the theory of syntax. Cambridge. MA: MIT Press, 1965.
- CHOMSKY, N. Remarks on Nominalization. Em: Readings in English Transformational Grammar. Ed: Rodrick Jacobs e Peter Rosebaum. Walthman, MA, Ginn, p. 184-221, 1970.
- CHOMSKY, N. Lectures in government and binding (Studies in generative grammar 9). Dordrecht: Foris, 1981.
- CHOMSKY, N. A minimalist program for linguistic theory. In Kenneth Hale e Samuel Jay Keyser (eds.), *The View From Building 20: Essays in Linguistics in Honor of Sylvain Bromberger*. MIT Press, 1993.
- CHOMSKY, N. The minimalist program (Current studies in linguistics 28). Cambridge, MA: MIT Press, 1995.
- CHOMSKY, N. Derivation by Phase. In M. Kenstowicz (Ed.), *Ken Hale: A Life in Language* (pp. 1-52). Cambridge, MA: MIT Press, 2001.
- DIXON, R. Ergativity. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- DUARTE-BORGES, G. A. Estudos sobre a Ergatividade na língua Paumarí. Caderno de Resumos: XXV SEPLA – Revista Linguística Rio. Rio de Janeiro, 2020.
- DUARTE-BORGES, G. A. Os verbos auxiliares e leves em Paumarí à luz da Morfologia Distribuída. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de Pós-graduação em Linguística, p. 111, 2022.
- DUARTE-BORGES, G. A. A formação do complexo Verbo Leve ni + DP na língua indígena Paumarí (família Arawá). *Papéis: Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens - UFMS*, v. 27, n. 53, p. 20-40, 22 jun. 2023a.
- DUARTE-BORGES, G. A. Uma proposta de análise para a estrutura verbal em Paumarí: Questões preliminares sobre causa e agentividade. *Cadernos do IL*, [S. l.], n. 65, p. 113–149, 2023b.
- DUARTE-BORGES, G. A. Possibilidades de sistema tripartido em paumarí: Investigações sobre Sistemas de Caso. No prelo.
- DUARTE-BORGES, G. A. e ABRANTES, G. R. Existem passivas em paumarí? No prelo.
- EMBICK, D. e MARANTZ, A. Architecture and blocking. *Linguistic Inquiry*, Cambridge, MA, v. 39, n. 1, p. 1–53, 2008.
- FOLLI, R. e HARLEY, H. Flavors of v: consuming results in Italian and English. In: SLABAKOVA, R. and KEMOCHINKY, P. (eds.), *Aspectual Inquiries*. Dordrecht: Kluwer, 2004.

GALVÁN, G.M.N. Causativas: um estudo comparativo entre o russo e o paumari. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

HALLE, M. e MARANTZ, A. Distributed Morphology and the Pieces of Inflection. In: HALLE, Kenneth; KEYSER, S. J. The View on Building 20. MIT Press, p. 111-176, 1993.

HARLEY, H . The morphology of nominalizations and the syntax of vP. In: Quantification, Definiteness and Nominalization. Monika Rathert and Anastasia Giannadikou (eds). Oxford: OUP, pp. 320-342. 2009.

HARLEY, H. On the identity of roots. *Theoretical Linguistics* 40(3/4), 225-276, 2014.
 HARLEY, H. The “bundling” hypothesis and the disparate functions of little v. In *The Verbal Domain*. Roberta D'Alessandro, Irene Franco and Angél J. Gallego (eds), , pp. 3-28. Oxford: OUP, 2017.

JACKENDOFF, R. Morphological and semantic regularities in the lexicon. *Language*, v.51, n.4. 1975.

JACKENDOFF, R. S. *Languages of the mind: essays on mental representation*. Cambridge, MA: MIT/Bradford Press, 1992.

KIPARSKY, P. Word Formation and the Lexicon, in Fred Ingeman (ed.), *Proceedings of the Mid-America Linguistics Conference*, University of Kansas, pp. 3–29, 1982.

KRATZER, Angelika. Severing the External Argument from its Verb. In: ROORYCK, J.; ZARING, L. (Eds.). *Phrase Structure and the Lexicon*. Dodrecht: Kluwer Academic Publishers, p. 109-137, 1996.

LECKAR DA SILVA, J. A categorização das palavras em Paumari: os verbos denominais. Monografia (Especialização em Línguas Indígenas), Museu Nacional - Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2016.

MARANTZ, A. No escape from syntax: don't try morphological analysis in the privacy of your own lexicon. In: DIMITRIADS, A.; SIEGEL, L. et al. (orgs). *University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics*, vol. 4.2, *Proceedings of the 21st Annual Penn Linguistics Colloquium*, p. 201-225, 1997.

MARANTZ, A. Words. 20th West Coast Conference on Formal Linguistics, 2001.

MARANTZ, Alec. Phases and words. In: CHOE, Sook-Hee (org.). *Phases in the theory of grammar*. Seul: Dong In, p. 196-226, 2007.

MELO, T.N. NOMINALIZAÇÃO SOB INVESTIGAÇÃO: UMA ANÁLISE DOS NOMES EM -ÇÃO. Trabalho de conclusão de curso (Letras-literatura). Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ. 2021.

MELO, T. N. M. Por uma categorização das nominalizações. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de Pós-graduação em Linguística, p. 101, 2023.

NÓBREGA, V. A. Raízes: primitivos sintáticos defectivos. *Caderno de Squibs*, v.1, n.1, p. 43-50. 2015.

NÓBREGA, V. A. No escape from categorization: na insider's view of compounds. *Ilha do Desterro*, v.73, n. 3, p 103-126, Florianópolis, set/dez, 2020

OLIVEIRAS, T.R. K. de. As classes verbais em Paumarí. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de Pós-graduação em Linguística, 2008.

PARTEE, B. H. Compositionality in formal semantics: selected papers of Barbara H. Partee. Malden, MA: Blackwell, 2004.

PYLKKANEN, L. Introducing Arguments. Tese (PhD em Linguística) – Departamento de Linguística e Filosofia do Massachusetts Institute of Technology, Cambridge, 2002.

QUADROS GOMES, A. P; JULIO, A. e BORELLA , C. C. Terena: uma língua de nomes nus que conta com dois artigos definidos. *Cadernos do IL*, [S. I.], n. 63, p. 146–157, 2021.

SALZER, M. e CHAPMAN, S. Dicionário Bilingue nas Línguas Paumarí e portuguesa. Brasil, 1997.

SCHER, A. P. As construções com o verbo leve dar e nominalizações em -ada no Português do Brasil. Tese de doutorado. Universidade de Campinas. 2004.

SLEEMAN, P. e BRITO, A. Nominalization, event, aspect, and argument structure: a syntactic approach. In: DUGUINE, M.; HUIDOBRO, S.; MADARIAGA; N. (Eds.). *Argument structure and syntactic relations. A cross-linguistic perspective*. *Linguistik Aktuell/Linguistics Today*, John Benjamins B. V., 2010.

VELUPILLAI,V. An introduction to Linguistic Typology. John Benjamins Publishing Company. University of Giessen. Amsterdam. 270-272. 2012

VIEIRA, M. M. D. Os núcleos aplicativos em Paumari (Família Arawá). *Rev. Estudos da Língua (gem)*. Pesquisas em línguas indígenas. Vitória da Conquista, v.4, n. 2, dez. de 2006.

VIEIRA, M. M. D. Os núcleos aplicativos e as línguas indígenas brasileiras. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 18, n. 1, p. 141-164, 2010